P@LITECNIA

Revista do Instituto Politécnico de Lisboa

Ano VIII . N.º 22 . Setembro de 2009

Manuel Correia:

"O meu maior receio é o stress na comunidade"



Manuel Lor Tecmen Radio

Tecnologia da Saúde pronta para combate ao vírus da Gripe A

24

Aluna brilhante do Conservatório Nacional, actual Escola Superior de Teatro e Cinema, São José Lapa ensaia no seu retiro Espaço das Aguncheiras, em convívio com a natureza, novas maneiras de descentralizar o teatro. A actriz, para além de representar, continua, ainda hoje, aos 58 anos, a dedicar-se à direcção de actores, criando espectáulos para miúdos e graúdos.





35

Aluno talentoso da Escola Superior de Teatro e Cinema, João Salaviza, conquistou, a Palma de Ouro de curtasmetragens do Festival Internacional de Cinema de Cannes, com Arena, um filme puro e duro, sobre os bairros problemáticos da cidade de Lisboa. É esta a primeira vez que um realizador português ganha este prémio. Salaviza licenciou-se, este Verão, em Cinema no ramo de Montagem.

40

Manuel Correia, presidente do conselho directivo da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa, que assumiu o Plano de Contingência do Instituto Politécnico de Lisboa, no combate à Gripe A, adverte, em entrevista à Politecnia, para os cuidados a ter com a epidemia.





50

Paulo Guerra dos Santos, engenheiro civil, diplomado pelo Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, comprovou na tese de mestrado que Lisboa é, ao contrário do que alguns pensam, uma cidade ciclável.

Sumário

5		
J	Parar Para	Pensar

L. M. Vicente Ferreira

6 Ronda das Escolas Montras Vivas no Chiado

João Costa

Primeiro Plano
João Fazenda, fotógrafo

Jorge Silva

Empreendorismo
Concurso Poliempreende

Francisco Costa Pereira

Clara Santos Silva

Em Foco ISEL na Denver LAB

Luís Osório

A Protagonista
Perfil de São José Lapa

Clara Santos Silva

O Acontecimento
Salaviza vence em Cannes

Paulo Silveiro

40 A Grande Entrevista
Manuel Correia fala do combate à
pandemia da Gripe A

Vanessa de Sousa Glória

Profissão
Bruno Amiano, engenheiro

Margarida Jorge

Novo e Interessante Lisboa ciclável

Paulo Silveiro

Para Reflectir
A Arca de Noé

Pedro Mendonça

Mala Diplomática
Internacionalização da ESML

Cecília de Almeida Gonçalves

Estante
Alicerces no prelo

66 Tribuna Livre

Lucília José Justino

ESTATUTO EDITORIAL

- 1. A revista Politecnia é uma publicação trimestral, editada pelo Instituto Politécnico de Lisboa, que assegura e disponibiliza informação de referência sobre a vida do IPL e a actividade das oito escolas que o integram;
- 2. A Politecnia respeita a Constituição da República e as leis que se enquadram nos direitos, obrigações e deveres da Imprensa, tendo em conta o Código Deontológico dos jornalistas. E compromete-se a respeitar os direitos e deveres inerentes à liberdade de expressão e ao direito a ser informado, observados que sejam os princípios consignados neste Estatuto Editorial;
- 3. A Politecnia rege-se por critérios de rigor e honestidade, sem dependências de ordem ideológica, política ou económica, no respeito integral pelos Estatutos e a Lei Orgânica do IPL;
- 4. A Politecnia elege como público de referência as instituições (económicas, políticas e sociais) da sociedade civil e o corpo docente das oito escolas do IPL, e os alunos, pais e educadores em geral;
- A Politecnia quer contribuir para a unidade do IPL e a afirmação da sua cultura própria, em prol do desenvolvimento em Portugal de um Ensino Superior de qualidade, apostado na qualificação profissional dos alunos;
- 6. A Politecnia diferencia os artigos de conteúdo opinativo dos artigos informativos e reserva-se o direito de interpretar e comentar, nos seus espaços de opinião, os factos e acontecimentos de âmbito educativo que se relacionem com a sua actividade;
- A Politecnia está aberta à colaboração de todos os docentes do Instituto Politécnico de Lisboa que tenham contributos, no domínio da Educação, importantes que queiram partilhar;
- A Direcção da Politecnia reserva-se o direito de não publicar a colaboração não solicitada, que considere não ter a qualidade pretendida;
- 9. A responsabilidade dos textos publicados é inteiramente assumida pelos seus autores;
- A Politecnia participa no debate dos grandes temas da actualidade educativa, relacionados com o Ensino Superior, tendo em vista a discussão de questões de interesse para o IPL e a troca de ideias entre aqueles que se preocupam e dedicam ao seu desenvolvimento e prestígio.



Ano VIII Número 22 Setembro 2009

Director

L. M. Vicente Ferreira

Editor

O Correr da Pena

Redactores

Bárbara Gabriel, Clara Santos Silva, Jorge Silva, Margarida Jorge, Paulo Silveiro e Vanessa de Sousa Glória

Fotografia

DGS (Direcção-Geral da Saúde), João Costa, João Fazenda, Margarida Jorge, Pedro Pina, Sofia Gomes e Tejo Filmes

Correspondentes

Ana Raposo e Claúdia Guerreiro (Tecnologia da Saúde), João Costa (Dança), Lucy Wainewright (Educação) e Margarida Saraiva (Teatro e Cinema)

Colaboradores Permanentes

Luís Osório, Luísa Marques, Manuel Esturrenho, Paulo Morais-Alexandre e Sérgio Azevedo

Colaboradores

Cecília de Almeida Gonçalves e Pedro Mendonça

Colunista

Lucília José Justino

Grafismo e Paginação

Orlando Raimundo (coordenador), Clara Santos Silva, Paulo Silveiro e Vanessa de Sousa Glória

Propriedade

Instituto Politécnico de Lisboa Estrada de Benfica, 529 1549-020 Lisboa Telefone: 217 101 200 Fax: 217 101 236 e-mail: gci@sc.ipl.pt site: www.ipl.pt

Redacção, Admin. e Publicidade

Estrada de Benfica n.º 529 1549-020 Lisboa

Impressão

Tipografia Peres, Rua das Fontaínhas, Lote 2 Venda Nova 2700-321 Amadora **Depósito Legal**- 158054/2000 ISSN- 1645-006x

Tiragem: 4 000 exemplares

Capa:

Vanessa de Sousa Glória (arranjo gráfico) Foto de Clara Santos Silva

O Novo Estatuto da Carreira Docente Politécnica

NO ÚLTIMO editorial da revista Politecnia manifestei algumas preocupações sobre as orientações da proposta de alteração do novo Estatuto da Carreira Docente Politécnica, bem como da sua conjugação com a nova proposta de lei do Regime Jurídico do Título de Especialista.

Com as aprovações do novo Estatuto da Carreira Docente Politécnica e do Regime Jurídico do Título de Especialista, publicados em Diário da República em 31 de Agosto de 2009, constatámos com satisfação que os três aspectos que foram objecto da nossa análise:

1.º – o condicionamento de factores externos ao Regime Jurídico do Título de Especialista;

2.º – a inexistência da terceira categoria;

3.º – o alargamento do mapa para contratações por tempo indeterminado, — tiveram uma evolução positiva, relativamente ao primeiro documento apresentado, contendo a versão final soluções bastante favoráveis para o ensino politécnico.

O Regime jurídico do Titulo de Especialista apesar de conter alguns aspectos que poderiam ser melhorados, afigura-se-nos um bom instrumento para o ensino politécnico. Adoptando o princípio que há muito defendíamos de relevar o título de especialista "para efeitos de composição do corpo docente dos institutos de ensino superior e para a carreira docente do Ensino Superior Politécnico", este estatuto assegura a autonomia do sistema face a factores exógenos às instituições de ensino superior, ao contrário das versões anteriores.

Também a terceira categoria agora introduzida, Professor Coordenador Principal, equiparada à categoria



L. M. Vicente Ferreira

O Regime jurídico do Titulo de Especialista apesar de conter alguns aspectos que poderiam ser melhorados, afigura-se-nos um bom instrumento para o ensino politécnico

de Professor Catedrático, embora dependente do sistema universitário na medida em que carece de doutoramento e agregação, mas por esse mesmo motivo completamente desprovida de procedimentos de endogamia, vem dignificar definitivamente o

Ensino Superior Politécnico, pondo-o em pé de igualdade com as carreiras Universitária e de Investigação.

O terceiro aspecto prende-se com os mapas de contratação para professores de carreira. De facto, os valores evoluíram de um mínimo de 30% para 70% dos docentes existentes. Este valor final de 70% irá contribuir, desde logo, para a dignificação de uma carreira académica com perspectivas de progressão, estimulando a produção técnica/científica e, simultaneamente, para a estabilidade das instituições de ensino politécnico.

Do meu contributo para este novo estatuto de carreira docente ficam as reflexões reproduzidas em documentos e intervenções, nomeadamente no âmbito do Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos. Contudo, considero que não ficaram bem atendidas as questões ligadas com os planos de transição, que deveriam ter salvaguardado melhor os interesses dos docentes do sistema politécnico. A meu ver, não se deve romper de forma abrupta com o passado, esquecendo todo um processo em que as exigências, as provas e os percursos foram completamente diferentes dos agora propostos.

A falta desses planos de transição de salvaguarda teve como principais culpados, para além da vontade política, o tempo escasso que envolveu o processo negocial iniciado por uma discussão tardia e um fim urgente por razões de calendário eleitoral. Temo, pois, pelas consequências negativas de situações de injustiça mal acauteladas e outras falhas que podem gerar graves constrangimentos ou mesmo a potencial descaracterização das instituições. Oxalá os meus receios sejam infundados e não se venham a verificar-se.

Ronda das Escolas

Danças no Chiado

A convite da Junta de Freguesia dos Mártires, principal promotora do evento, a Escola Superior de Dança participou no "Chiado na Moda", contribuindo com aquilo que de melhor os alunos sabem fazer, para dar a conhecer uma Lisboa de ruas luminosas, de cara renovada e moderna.

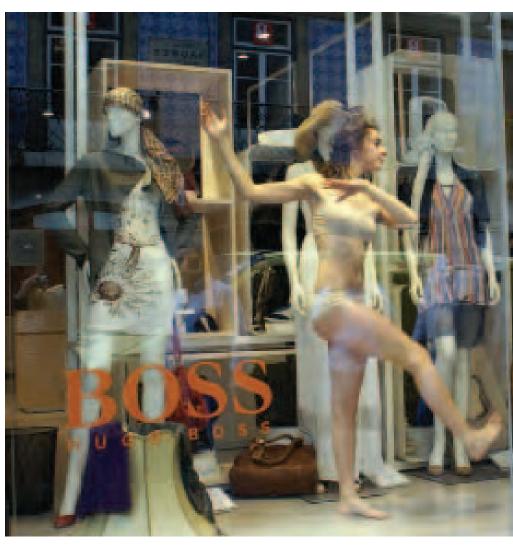
Texto e fotos de João Costa

A INICIATIVA, que levou a moda às pessoas que passavam no Chiado, reuniu algumas das marcas mais representativas do Chiado, o que permitiu organizar a segunda edição da iniciativa Chiado na Moda, com desfiles de moda, conferências, exposições, tertúlias e espectáculos diversos.

A Escola Superior de Dança entrou de corpo e alma na iniciativa com dois tipos distintos de intervenção: Montras Vivas e Escadarias. Os alunos que concluíram a Licenciatura em Dança — Criação/Interpretação foram chamados a criar trabalhos específicos para alguns dos espaços desta zona carismática de Lisboa.

Num percurso através de sete escadarias desta zona carismática da cidade, foi desenvolvida pelos alunos da escola do Instituto Politécnico de Lisboa uma performance de dança, assumindo as escadas como um espaço activo de apresentação. Foi oferecida, ao público, a opção de seguir o trabalho através dos trajectos pedonais que ligavam as diferentes zonas de actuação, ainda que cada uma delas usufruísse de vivências independentes. A obra acabou por rejeitar uma tipicidade estática, ganhando um carácter evolutivo, activo e contemplativo traduzindo-se num passeio por áreas tão marcantes do Chiado.

As Montras Vivas animaram dezena e meia de espaços predominantemente na Rua Garrett, espalhando-se ainda pelas ruas do Carmo, Nova do Almada, Alecrim e largos do Chiado e Camões.



As alunas Andreia Roque e Patrícia Jorge nas Montras Vivas no Chiado

Foram criações desenvolvidas a solo, ou em duetos, especificamente para cada montra e respeitando duas premissas artísticas: um texto de Heiner Müller sobre a preocupação imutável do stress laboral, e a manipulação de vários objectos como gaiolas, tendas de campismo, manequins, roupas, etc. Estas apresentações, que decorreram à hora de almoço durante quatro dias de Maio, atraíram a atenção de um considerável número de transeuntes que, passando pela zona, parava para observar, registar imagens e tecer comentários apreciativos da iniciativa.

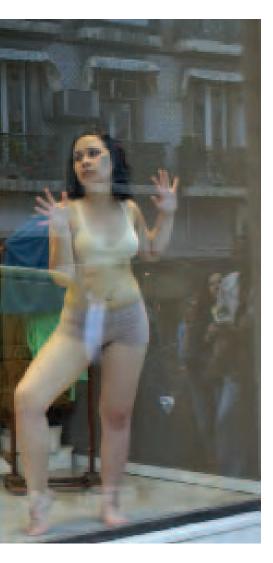
Para os intérpretes/criadores foi uma oportunidade única para poder interagir com um público diverso, vasto e desta forma confrontar-se com a sua inevitável avaliação. Para a Escola Superior de Dança revestiu-se duma oportunidade de projectar para o exterior a actividade que

vem sendo desenvolvida, demonstrando as capacidades dos formandos, e que



Teresa Silva e Marjolein Hendricx

abrem caminho à Moda



mostrou capacidade para despertar o interesse do público anónimo.





Tatiana Veríssimo



Alface, Diana Bastos, Mariana Martins, Mariana Pimentel, Sara Almeida, Tatiana Veríssimo, Ana Luís Pinho, Cátia Gomes, André Soares e Carolina Themude



Diana Bastos



André Soares

Secretário da Escola de Teatro é fotógrafo experiente

João Fazenda Homem de missões e paixões

João António Nascimento Fazenda já faz parte da História da Escola Superior de Teatro e Cinema, onde há 22 anos desempenha as funções de Secretário. Jurista de formação, ele tem um outro lado, mais poético, o gosto pela fotografia.

Textos de Paulo Silveiro • Fotos de João Fazenda



Caveira

NO PERCURSO que há quarenta anos vem trilhando como fotógrafo passou por diversos estilos, mas foi sempre um fotógrafo centrado no elemento humano. Nos seus tempos de estudante escreveu para o jornal da Faculdade de Direito, mais tarde já no Ministério da Educação preocupou-se com as alternativas ao sistema formal de ensino. Mas a sua veia artística levou-o a ingressar na

Escola Superior de Teatro e Cinema onde conjuga o seu saber jurídico com o gosto estético.

João Fazenda é já um ícone da Escola Superior de Teatro e Cinema, tendo vindo a apoiar com a sua sabedoria e experiência os vários conselhos directivos com quem trabalhou. Iniciou as suas funções como secretário em 1987, ainda no edifício do Conservatório Nacional, tendo acom-

panhado a construção do novo edifício na Amadora.

O presidente da comissão instaladora era o professor Jorge Listopad e o vice-presidente era o professor José Bogalheiro, hoje director do departamento de cinema da escola. Viveu o período em que as três escolas, Dança, Música e Teatro e Cinema, se acotovelavam sem as mínimas condições no mesmo edifício. Apesar das dificul-

Primeiro Plano



Maternidade

dades grandes actores se formaram ali dirigidos por professores igualmente ilustres. Diogo Infante, Miguel Seabra, Alexandra Lencastre entre outros foram formados por professores como João Mota ou Glória de Matos.

João Fazenda desempenhou um papel activo na procura de um novo espaço para a escola. Foi ele que, no início dos anos noventa, escreveu para as diversas Câmaras Municipais da região de Lisboa, solicitando a disponibilização de um terreno para a construção da Escola. A câmara da Amadora foi a única que respondeu. Era presidente o eng.º Orlando de Almeida, que se disponibilizou a receber a escola na área da sua autarquia, pondo-lhe à disposição um terreno amplo, situado em local privilegiado no centro da cidade, sobranceiro ao parque e com bons acessos, por um valor não muito elevado. Alguns professores não viram com bons olhos a passagem de Lisboa para a Amadora, tendo feito algumas diligências para encontrar uma alternativa em Lisboa. Mas a

escola acabou mesmo por construirse na Amadora. O concurso de ideias foi ganho pelo gabinete de arquitectura de Manuel Salgado. O programa preliminar foi feito de acordo com as opiniões dos professores da escola



Alfarrabistas

A dimensão local da universalidade

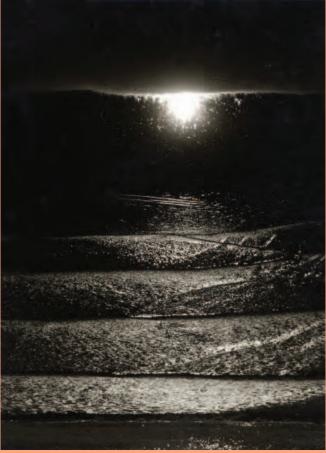
ENQUANTO fotógrafo, Fazenda diz: "Quero que a minha leitura do mundo, atinja a dimensão da universalidade, tornando-se receptiva pelo Outro e que este ganhe alguma coisa com isso".

Para além da educação, João Fazenda, tem uma grande paixão pela fotografia. Este gosto nasceu ainda na casa paterna tendo-lhe sido transmitido pelo pai, que possuía várias máquinas. João Fazenda ia fi-

cando com as máquinas antigas do pai e foi assim que começou a tirar fotografias. Numa excursão realizada no sexto ano de escolaridade por Portugal, foi o fotógrafo oficial, demonstrando já uma preocupação artística. Em 1970, quando fez a viagem de finalista do curso de Direito ao Japão, na escala em Hong Kong, aproveitou e adquiriu uma boa máquina. Quando regressou, inscreveu-se no fotoclube "seis por seis" tendo aí desenvolvido os seus conhecimentos fotográficos. A partir de 1971, começou a participar em exposições individuais e colectivas em Portugal e no estrangeiro. Estas participações davam-lhe a oportunidade de ter acesso aos catálogos onde podia ver as fotografias feitas por grandes fotógrafos no estrangeiro.

O seu percurso foi-se desenvolvendo, começou a dar aulas no Instituto Português de Fotografia e em residências universitárias, a ser membro de júris e a participar em concursos por todo o mundo ganhando alguns prémios."Enquanto fotógrafo também me sinto, de um certo ponto de vista, a cumprir um papel de educador do olhar dos outros, fazendo-os ver talvez aquilo que, por si sós, não veriam" – confessa.

O tema que mais gostava de captar inicialmente era o realismo, numa perspectiva social. Fotografava os bairros de lata e as feiras. Já aqui, para João Fazenda, o aspecto humano era essencial, o homem tinha que estar sempre presente na fotografia. "Como Terêncio, posso afirmar que tudo o que é humano me interessa. Hoje continuo a praticar o mesmo tipo de fotografia mas já com um olhar menos documental, mais estetizante.



Genesis

Espero também que mais sábio" – exclama João Fazenda.

Assume-se como um fotógrafo focado essencialmente no que é português, não gosta de fotografar no estrangeiro. Os locais representados nas suas fotografias são aqueles onde tem as suas raízes, nas suas exposições podemos observar cidades como Lisboa e Faro.

João Fazenda tem um sentido poético da fotografia, procura interpretar o espírito do lugar, quando fotografa faz uma leitura que depois traduz, metaforicamente em imagens. A sua visão é subjectiva, cada um vê à sua maneira, mas ele tenta ser fiel ao seu imaginário. E isso é bom, porque assim cada fotógrafo tem uma perspectiva diferente de cada realidade, o que permite uma riqueza na diversificidade.

Para ele a fotografia não se reduz à imagem que a máquina capta, é necessário um investimento por parte

> do fotógrafo, um diálogo com o mundo, segundo a sua criatividade para obter o resultado pretendido. João Fazenda prefere o preto e branco, por fazer parte da sua escola, a cor só apareceu mais tarde. A cor dá-nos o obvio é um retrato. Para realizar uma obra de arte o preto e branco permite um afastamento do real. Apesar de actualmente ambas serem usadas pelos fotógrafos profissionais é importante que se saiba o que se pretende fazer e então escolher o método mais apropriado. Quando questionado sobre a sua fotografia preferida, João fazenda declara o seu carinho pela que ganhou o seu primeiro prémio. "Genesis" que tal como seu nome indica foi o início de um percurso. A fotografia colocada no seu quarto relembra-lhe todos os dias que foi ela que o

catapultou para ir mais além.

Cada exposição de fotografia é um desafio no sentido de transmitir às pessoas, através da sua obra, um enriquecimento que as preencha. "A fotografia para mim é um reforço da minha auto-estima" — afirma João Fazenda. À beira da aposentação, não a encara como um final, mas sim como um estímulo para usufruir de uma vida cultural ainda mais intensa e claro cheia de fotografias.

Primeiro Plano

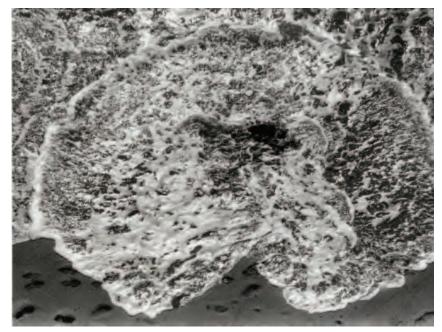


Família de pescadores

tendo sido desenvolvido sempre com o intuito de a escola poder crescer até aos quatrocentos e cinquenta alunos. Actualmente a escola é frequentada por cerca de duzentos alunos. Os problemas começaram a aparecer quando se iniciou a construção e se verificou que existiam deficiências. "O principal erro que se cometeu na construção do edifício foi não ter

havido revisão do projecto, de modo a evitar lacunas ou disfunções que, ao serem só detectadas em plena fase de obras, obrigaram, para as corrigir, a atrasos e ao pagamento de mais-

Primeiro Plano



Flor do Mar

valias aos empreiteiros." – afirma o secretário da ESTC.

João Fazenda percebe bem este problema pois acompanhou a construção do edifício desde a fase inicial, tendo sido designado pela Comissão Instaladora para estar presente nas reuniões de obra e ser elo de comunicação entre ela e o desenrolar dos trabalhos.

Ainda segundo o secretário da escola, deveria existir um gabinete no IPL com os conhecimentos necessários para acompanhar este tipo de projectos. Também por parte do Ministério da Educação não houve um acompanhamento que reflectisse as necessidades reais da escola em termos de projecto final. Outro erro co-

metido, foi o do faseamento da construção da obra. Numa primeira fase foi lançada a empreitada das fundações e estruturas e mais tarde foi realizado o concurso para os acabamentos, por razões de financiamento. Daqui resultou que houve um lapso de tempo entre as duas empreitadas, até porque por motivos processuais o hiato foi maior do que esperado. A obra iniciou-se em 1992 e a escola só foi inaugurada em 1998. Esta situação levou a que as estruturas estivessem sujeitas ao desgaste provocado pelo tempo o que lhes causou danos. João Fazenda considera que hoje ainda estão a pagar por isso. O seu contributo foi também importante no apoio que prestou na fase dos concursos para a aquisição de equipamentos e de mobiliário para o novo edifício da escola na Amadora.

Apesar destes percalços, o secretário da Escola Superior de Teatro e Cinema, considera-a uma referência no ensino artístico em termos nacionais e internacionais. Actualmente a ESTC, possui um edifício onde as condições técnicas e o grande valor dos professores permitem ministrar um ensino de qualidade.



A arte da natureza

Um algarvio que se apaixonou por Lisboa

O ALGARVIO João Fazenda nasceu na quente cidade de Faro, em 1947, onde passou a sua infância com os seus três irmãos. Considera-se com sorte por ter vivido nos agitados Anos sessenta, período muito rico em acontecimentos culturais. Apesar da vida cultural em Faro não ser muito interessante. João Fazenda tentou sempre cultivar-se, lendo livros e frequentando tertúlias onde eram discutidos assuntos do seu interesse. No liceu os professores, alguns com grande valor, também contribuíram para o seu enriquecimento cultural. Desse tempo relembra o jornal do Liceu o "Centelha" onde deu uma entrevista que gerou alguma polémica, sobre o materialismo de café, onde criticava as pessoas que iam para o café falar de tudo e mais alguma coisa em vez de se preocuparem com aspectos culturais. Essa preocupação com o enriquecimento cultural acompanhou-o para Lisboa. Foi nesta cidade, em 1964, que João Fazenda explodiu para uma actividade cultural intensa.

Descobriu a Gulbenkian, participou em cineclubes, isto enquanto estudava na faculdade de Direito. Foi aqui que entrou para o jornalismo universitário escrevendo para o "Tempo" cujo editor era o Adelino Amaro da Costa. Chegou a ser director do jornal. Foi nesta fase da sua vida que nasceu o seu interesse pela educação, ao defender na linha editorial do "Tempo" o autogoverno das Universidades.

Quando terminou o curso o seu interesse pela educação levou-o a ingressar no Gabinete de Estudos e Planeamento (GEP) da Acção Educativa do Ministério da Educação, em 1973, onde exerceu uma actividade intensa na área dos estudos. Lembra-se particularmente de um que realizou sobre alternativas ao sistema formal de ensino, que permitisse colmatar as lacunas que esse sistema apresentava. No fundo a ideia era apresentar solu-



ções para as pessoas continuarem a estudar, mesmo que já tivessem abandonado o sistema formal de ensino, para continuarem a suas formações. Curiosamente estes temas voltam a estar hoje em dia. Durante o tempo que passou no GEP teve o privilégio de ser dirigido por nomes como, Fraústo da Silva, Adelino Amaro da Costa, António de Almeida e Costa, futuro presidente do IPL, Roberto Carneiro entre outros.

Ao fim de treze anos achou que tinha chegado a altura de rentabilizar a sua formação jurídica e passou a trabalhar no gabinete jurídico da Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos. Aí o seu trabalho consistia em elaborar pareceres jurídicos. Mas João Fazenda, sentia faltar-lhe algo. Foi aí que, em 1987, concorreu para o cargo de secretário das três escolas do Conservatório Nacional "correspondendo ao desejo de conhe-

cer a realidade da vida escolar, de dentro e não só de fora, como até então fizera, a partir de gabinetes do Ministério e dos estudos que se iam fazendo. A oportunidade de o experienciar e logo numa escola das artes pareceu-me imperdível" – referiu o secretário da ESTC.

Ficou em primeiro lugar na Escola de Música e na Escola de Teatro e Cinema e em segundo na Escola de Dança. Acabou por optar pela de Teatro e Cinema, onde ainda "ao fim de vinte e dois anos de exercício do cargo de Secretário da ESTC, posso orgulhar-me de ter contribuído um pouco não só para a construção do edifício físico da Escola, mas sobretudo do seu edifício jurídico, pois participei na elaboração dos seus estatutos iniciais e de todas as suas revisões, de muitos dos seus regulamentos e de regimentos de órgãos" conclui João Fazenda.

Balanço regista "participação positiva e activa"

Politécnico de Lisboa organiza 8.º Concurso Poliempreende

A coordenação do 8.º Concurso de ideias de negócios Poliempreende, a lançar em Outubro de 2010, vai ser assumida pelo Instituto Politécnico de Lisboa. E para que tudo funcione na perfeição, o IPL vai acompanhar, a partir de Outubro próximo, a realização da sétima edição, a cargo do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Texto de Francisco Costa Pereira • Fotos de Clara Santos Silva



Os membros do júri do Concurso Regional e o coordenador no IPL (da esquerda para direita): Ana Cristina Dias, Walter Palma, Vicente Ferreira, Rita Seabra e Francisco Costa Pereira

PASSADO um ano da participação activa do IPL no concurso de ideias Poliempreende é altura de efectuarmos um balanço da nossa participação para analisarmos o que de bom aconteceu, mas principalmente para podermos fazer melhor na próxima edição. Se relembrarmos os objectivos da nossa participação, participar no concurso de ideias para fomentar o empreendedorismo nas unidades orgânicas do IPL de modo a podermos contribuir para que os nossos

estudantes, ex-estudantes e docentes possam criar negócios e contribuir para o desenvolvimento económico do País, então estamos em condições de lhes responder com a actividade que desenvolvemos.

Podemos dizer que começamos a trabalhar para o empreendedorismo no IPL, reforçando o que já se fazia em algumas unidades orgânicas e estendendo-o às restantes. A participação no concurso em valores absolutos considerando um universo de potenciais 15000 candidatos foi baixo uma vez que só tivemos 90 participantes, que desenvolveram 16 projectos que no final se materializaram em nove que foram presentes a concurso. Destes nove projectos foram escolhidos os três prémios com a atribuição seguinte, o primeiro prémio a um projecto de equipa mista de docentes e estudantes da Escola Superior de Teatro e Cinema, o segundo e o terceiro a projectos de estudantes do Instituto Superior de Engenharia

Empreendorismo

de Lisboa. Todos estes projectos e mais dois, um da Escola Superior de Tecnologias de Saúde de Lisboa e outro da Escola Superior de Comunicação Social, possuem um potencial grande de se virem a concretizar em empresas com negócios rentáveis. Todos estes projectos serão apresentados na Plataforma FINICIA, de que o IPL é um parceiro, para se identificarem as possibilidades de financiamento para a sua concretização. Acresce ainda que o primeiro prémio do IPL, apresentado ao concurso nacional a competir com 19 projectos de todos os Institutos Politécnicos do País, conquistou o terceiro prémio.

A actividade dos IP's neste projecto não se ficou apenas pelo concurso de ideias, está em curso um projecto de investigação, com uma participação activa do Instituto Politécnico de Lisboa, para identificar as potencialidades de empreendedorismo no sub sistema politécnico com uma amostra de 6300 estudantes, que em breve publicará os resultados. Está em preparação uma página Wiki associada ao site do Poliempreende para mostrar o quadro conceptual em que se sustenta esta actividade do empreendedorismo, com uma participação também activa do IPL.

Se no balanço considerarmos que existe ainda um potencial muito grande de expansão face ao universo existente, podemos afirmar que ele se salda por uma participação positiva e activa com a possibilidade de se concretizarem cinco negócios. A introdução deste tema nas unidades curriculares começa a estender-se à maioria das unidades orgânicas. A participação no concurso também é valorizada na actividade curricular do estudante, figurando oficialmente no seu curriculum.

Numa palavra final não podemos deixar de enviar um agradecimento ao envolvimento das unidades orgânicas que apoiaram em tudo os seus representantes que foram exemplares na actividade que desenvolveram contribuindo de tal modo para este projecto, que começa a ser falado entre os estudantes e os docentes criando as condições para a sua institucionalização.





IPL no 3.º lugar do Poliempreende

"Moviemakers" vence concurso

Na sua primeira incursão no programa Poliempreende, o Instituto Politécnico de Lisboa marcou a sua presença obtendo o terceiro lugar no Concurso Nacional com o projecto Moviemakers, da Escola Superior de Teatro e Cinema. O mentor do projecto, Paulo Leite, não escondeu a satisfação, falando da importância dos prémios e do panorama do cinema em Portugal e no mundo.

Texto de Margarida Jorge • Fotos de Bruna Viegas



Paulo Leite, 3.º classificado do Poliempreende, recebe prémio no valor de 4 mil e quinhentos euros da EDP, patrocinador do programa

O INSTITUTO Politécnico de Lisboa iniciou a aventura no Poliempreende, obtendo o terceiro lugar no Concurso Nacional de Ideias, com o projecto Moviemakers, da Escola Superior de Teatro e Cinema. Os resultados mostram as fortes potencialidades dos projectos desenvolvidos pelas suas escolas e o envolvimento por parte de todos os que "vestiram a camisola" do empreendorismo. Transposta a etapa do concurso regional, conduzido por cada uma das

entidades envolvidas no Poliempreende, os melhores passaram a entrar na "corrida" ao Concurso Nacional. Nesta última edição, a coordenação do programa ficou a cargo do Instituto Politécnico de Coimbra (IPC) e, como tal a apresentação dos projectos finalistas e a cerimónia da entrega de prémios decorreu na sua cidade.

O júri nacional, constituído por Fátima Armas, coordenadora do 6.º Concurso Poliempreende, Paulo Santos, Director Executivo da IPN Incubadora, Francisco Pegado, Coordenador do Centro de Desenvolvimento Empresarial do Centro (IAPMEI), Luís Dias, em representação da Caixa Geral de Depósitos e Nuno Malta, da Associação Coimbra Região Digital deliberou sobre os seis projectos finalistas chegando à decisão dos três vencedores, nos quais se inclui Moviemakers, do Instituto Politécnico de Lisboa.

Empreendorismo



Moviemakers recebe do presidente do IPL os certificados do 1.º prémio (da esquerda para a direita): Paulo Leite, Diogo Abrantes e Ricardo Feio

No dia 15 de Julho, em Coimbra, teve lugar a cerimónia de entrega de prémios que permitiu reunir representantes de todas as instituições envolvidas no programa. O Instituto Politécnico de Lisboa, representado pelo seu presidente, Vicente Ferreira, acompanhado do dirigente máximo da ESTC, Filipe Oliveira, bem como de Francisco Costa Pereira, coordenador do programa nas escolas do IPL, entre outros elementos das escolas, não deixaram de marcar presença.

Na abertura da cerimónia, Fátima Armas, do IPC, ressaltou todas as iniciativas promovidas ao longo do último ano, nomeadamente a do site do Poliempreende, que, na sua opinião "permitiu troca de experiências e boas práticas, partilha de objectivos, estratégias e percursos." A também vice-presidente do IPC afirmou mesmo poder considerar-se o Poliempreende "um caso de sucesso no empreendorismo, com um elevado potencial em termos nacionais".

No momento da entrega dos prémios, foram apresentados os projectos vencedores e seus representantes, sendo que "Virtual Instrumentation" do Instituto Superior de Engenharia de Coimbra foi o primeiro classificado. A equipa que lhe deu vida é constituída pelos alunos finalistas Luís Ferreira e Pedro Mendes, e pelo professor Carlos Alcobia.

O segundo lugar foi atribuído a um projecto de enfermagem, "Easy for you", da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, desenvolvido pela aluna Cátia Rodrigues.

O terceiro lugar coube ao projecto Moviemakers, da Escola Superior de Teatro e Cinema, da autoria de Paulo Leite, professor da escola, que desenvolveu todo um trabalho com o apoio de dois alunos finalistas do curso de argumento.

Apesar da vitória de um projecto da área das tecnologias, todos os representantes do IPL mostraram a sua enorme satisfação com o "lugar no pódio" de um projecto de artes. O líder da Moviemakers, Paulo Leite, recebeu o cheque, de 4.500 euros, das mãos do representante da EDP, um dos patrocinadores do programa e, não escondia a alegria na recompensa por todo o esforço.

No encerramento da cerimónia, deu-se a passagem de testemunho da coordenação do Poliempreende, do Instituto Politécnico de Coimbra para o Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Já foi entretanto decidido que a 8.ª edição do programa será coordenada pelo Instituto Politécnico de Lisboa.

O presidente do IPL, Vicente Ferreira, atribuiu, no final, grande importância à vitória de uma escola de artes, mostrando-se visivelmente satisfeito com os resultados da primeira participação do instituto no programa Poliempreende.

O dirigente da ESTC, Filipe Oliveira, considera que "a atribuição do prémio nacional voltou a surpreende-lo, não só pelo lugar que as indústrias culturais já desempenham na nossa sociedade, mas também no reconhecimento e criatividade que as escolas de artes podem ter para desenvolver o empreendorismo e as empresas."

Por sua vez, o coordenador do programa no Instituto Politécnico de Lisboa, Francisco Costa Pereira, ressaltou o grande nível de participação das escolas e dos seus representantes, continuando a defender que é errado assumir tratar-se de um universo apenas das áreas tecnológicas e, a prova foi o resultado.

O Horror como pano de fundo

Moviemakers, o Fenómeno

Paulo Leite considera que o mercado cinematográfico por explorar é o do Género de Horror, e é nele que pretende apostar. Por hora, com a vitória de Moviemakers no Concurso Regional de Ideias e, o terceiro lugar no 6.ª Concurso Nacional Poliempreende, vai fazendo história.

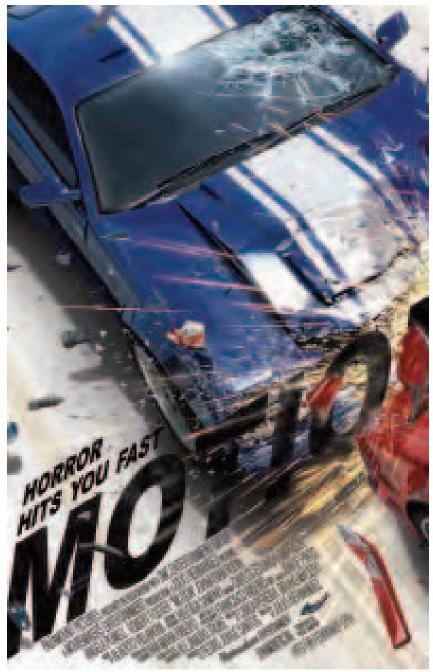
Textos de Clara Santos Silva

A HISTÓRIA da participação de Paulo Leite no Poliempreende deu-se um pouco por acaso, quase poderia ser o argumento de um filme, mas não de horror. Convidado pela Escola Superior de Teatro e Cinema, onde é professor, para abraçar o Polimpreende, nem olhou para trás. Desde as acções de sensibilização, aos cartazes e conversas nas aulas de argumento junto dos alunos, tudo serviu de mote ao empreendorismo. Os acontecimentos levaram a que o projecto da ESTC, candidato ao Poliempreende, fosse mesmo o seu.

Após o convite da "sua escola" para dinamizar o programa junto dos alunos e de outros professores, a receptividade não foi a esperada. Paulo acabaria por concorrer com um projecto seu, mostrando que a Escola Superior de Teatro e Cinema estava presente na primeira participação do Instituto Politécnico de Lisboa no Concurso de Ideias.

Moviemakers é um projecto que resulta de toda a sua experiência acumulada, até porque apesar dos seus trinta e cinco anos, trabalha em cinema há já algum tempo. Durante anos foi um projecto que esteve em fase de estudo. Para Paulo, o cinema é sempre "algo arriscado" o que o levou a dedicar-se profundamente a um estudo de mercado, para perceber se em Portugal e, mesmo no estrangeiro, há lugar para a ideia que pretende desenvolver.

Ao longo do ano, na sua actividade como professor pôde acompanhar de perto dois alunos finalistas, de Argumento, o Diogo Abrantes e o Ricardo Feio, nos quais viu "capacidade, imaginação e inteligência, de não se manterem apenas no lado artístico



Cartaz de um dos projectos da Moviemakers

Empreendorismo

mas em conseguirem ver mais além". Paulo pensou que eles poderiam vir a ser bons colaboradores e argumentistas, ajudando a Moviemakers a criar projectos e a desenvolvê-los.

A preparação para o Concurso Regional, para além de suporte power-point teve também a parte oral, na qual Paulo fez um grande investimento. Na sua perspectiva, a apresentação que conduziu e o dossier que elaborou "fez com que ambos se potenciassem".

Nesta fase, pensou na hipótese de vencer, porque acreditou no projecto, diz aliás, que de outra forma não avançaria. Tinha, como ainda tem, a noção de que esta "é a primeira parte do inicio", embora sempre soubesse da existência de alguns obstáculos. Por um lado é um projecto de artes, por outro, tinha concorrentes muito ferozes e melhor posicionados em termos de conhecimento geral e de tradição.

A corrida ao Concurso Nacional foi mais difícil do que a do Concurso Regional, até porque se tratava de uma competição com projectos que desconhecia, já que as apresentações foram feitas à porta fechada, e com os melhores de cada politécnico participante. Deixou de ser um trabalho desenvolvido em ambiente familiar passando a ser algo muito mais frio.

O resultado foi uma surpresa, mesmo sabendo que queria ganhar e que o grupo trabalhou para isso. Investiu muito tempo a melhorar o projecto para o concurso nacional e, se por um lado surpreendeu obter o 3.º lugar, por outro lado não, porque o esforço foi muito.

No universo do cinema português provavelmente ninguém saberá desta conquista e, isso só mostra que há muito trabalho para "deixarmos de ser os artistas, para passar a ser artistas e empreendedores e, encarar a arte, não só como arte que dá prazer mas, como algo que pode gerar riqueza e criar emprego".

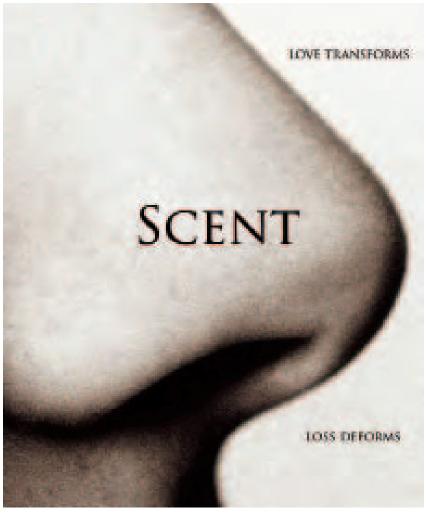
Para o futuro tem já um total de sete projectos que estão a ser desenvolvidos e, que fazem parte de um plano para os próximos anos. Tem sempre presente o cuidado com o desenvolvimento do projecto, para além da parte comercial em que vão sendo estabelecidos contactos para co-produções.

O próximo passo será feito com os apoios financeiros que obteve com os prémios Poliempreende, que fará com que a Moviemakers possa iniciar as filmagens de trailers e apresentações dos projectos em desenvolvimento. Actualmente, na indústria cinematográfica há aquilo a que chama de preliminary image, que é uma aposta cada vez mais importante, pois permite uma antevisão do que será o filme, mostra o seu ambiente e dá indícios do que será o produto final. Na produção de cinema de horror começa a ser prática comum. Na sua opinião, um bom trabalho neste campo é fundamental para o projecto "circular" entre financiadores e distribuidores.

Paulo Leite reconhece que fazer cinema é muito caro, e que por isso é fundamental angariar qualquer quantia que seja, e fazer com que pareça que vale muito mais do que custou. Esta é uma questão que aborda sem-

pre nas suas aulas. Na Moviemakers vão encarar os seis mil e quinhentos euros dos prémios desta mesma forma, vão tentar transformá-los em trinta ou quarenta mil, fundamental em cinema. "O preço não interessa, o que interessa é o valor", reforça Paulo.

Uma das coisas em que a Moviemakers sobressai, porque é diferente, tem a ver com o facto do cinema de horror ter pouca tradição em Portugal, o que significa que há muitas pessoas que têm projectos e ideias mas que não conseguem concretizá-los. Um dos objectivos da empresa é ouvir qualquer projecto que surja, pois qualquer ideia é uma boa matéria-prima para um argumento. O mentor da produtora sabe bem que os bons projectos nascem de boas ideias e, por isso pede a alunos do IPL, professores e funcionários que possam ter boas ideias para as apresentarem à Moviemakers - "venham ter connosco". diz Paulo Leite.



A Moviemakers vê no cinema de horror uma oportunidade de negócio

Reflexões sobre a Sétima Arte



"NO CINEMA todos os géneros são viáveis, mas há uns que são mais constantes junto do público, como o western e o musical, porque oscilam no tempo", diz Paulo Leite. O professor considera que o género de horror, a comédia, a aventura e a acção são mais comerciais e mais estáveis no gosto do público.

A partir do contexto europeu em que se posiciona, Paulo Leite observa que todo o cinema mundial gira em torno do mercado dominante, que é o norte-americano. Aqui, "ou se gosta ou não, ou imitamos ou divergimos, é impossível não ter uma ligação", diz.

O professor diz que na Europa, a solução passa por tentar fazer produtos diferentes. No caso de Hollywood e do cinema norteamericano em geral, a estratégia é trabalhar dentro de margens de segurança, porque se o objectivo

é chegar ao grande público, não é viável ser demasiado experimental, sofisticado ou banal. A experiência já o ensinou que tudo depende de um mercado de massas, no qual é necessário gerir receita. Na sua perspectiva e, pelos estudos que fez para o projecto Moviemakers, Paulo diz que na Europa é possível conseguir algo alternativo que os norte-americanos ainda não façam. O cinema de horror é precisamente um dos géneros que tem mais espaço para oferecer alternativas. Outros géneros como a comédia ou acção já são muito caros para o mercado europeu e concorrem com cinema que "esmaga as alternativas".

Reconhece que há algum desconhecimento, ou preconceito natural em relação ao género de horror. Não há tradição e talvez por isso seja visto como algo menor, desinteressante e comercial, onde não há arte. Paulo diz não ser verdade. Existem já grandes obras financiadas pela cinematogra-fia mundial que emanam da Europa. Provavelmente a maioria dos grandes autores de cinema europeu já experimentaram o género.

A subversão é algo muito importante no cinema de horror e que o caracteriza profundamente. É um género que faz com que o espectador se sinta chocado, pois leva-o além dos seus limites, mais do que ele pretende. Neste aspecto, não tem dúvidas em afirmar que o género é único. Quando o espectador vê uma comédia, tendo esta a função de o fazer rir, é essa a sua reacção. Vai para o cinema disposto a rir, com o drama e outros géneros isso também acontece. Com o horror já não é assim. O filme vai assustar o espectador, vai mostrar no ecrã imagens que o chocam mas que o vão prender até ao fim. Isto é que torna o cinema de horror único.

Há quem fale das consequências psicológicas e comportamentais por parte de quem visiona filmes de horror, mas Paulo recusa esta ideia e diz não existir uma resposta concreta quanto a esta questão. É apenas um escape, "nos filmes são feitas coisas que não são possíveis de fazer na vida real", diz.

Faz inclusive uma análise sobre a evolução do cinema nos últimos anos e, aqui justifica que os aspectos sociológicos são sempre importantes.

Um exemplo marcante é o do 11 de Setembro dado ter sido algo que nos marcou a todos e vai continuar a marcar. Não há na sua geração algo tão marcante quanto este acontecimento. Este acontecimento desencadeou uma mudança muito radical no cinema, pois alterou aquilo que o público tolerava ver. Há mesmo uma série de filmes que antes do 11 de Setembro não eram passíveis de ser exibidos e, que se tornaram sucessos quando perceberam que o público tinha mudado.

Uma paixão que nasceu no Brasil



PAULO Leite diz que o gosto pelo cinema nasceu dos pais. Filho de mãe sueca e de pai italiano, na sua infância recorda-se, ainda no Brasil, dos filmes que faziam e viam nos projectores de 16 e 8 milímetros, isto nos Anos 70. Ainda se recorda do maior castigo que o pai lhe aplicou, que aconteceu porque "roubou" uma bobine do pai para projectar na garagem e acabou por estragá-la.

Um novo projecto profissional da mãe trouxe-o a Portugal, onde acabou por ficar. Dado o seu gosto pela arte cinematográfica, ingressou no bacharelato em Produção na Escola Superior de Teatro e Cinema, onde mais tarde fez a licenciatura em Argumento e, onde agora partilha os seus conhecimentos como professor. A par deste percurso exerce ainda funções como consultor criativo, em Londres, o que lhe permite estar num mercado muito mais desenvolvido.

Trabalha habitualmente com produtores e argumentistas e, por isso sente-se à vontade para dizer que é uma actividade muito arriscada e onde há uma concorrência muito grande. Por ser assim está convicto de que é necessário ter uma capacidade para persuadir e para "se fazer entender" e, como tal a comunicação é fundamental. Esta sua visão levou-o a procurar aprofundar a área, tendo já concluído o Mestrado em Ciências da Comunicação na Universidade Nova.

No Poliempreende teve que conduzir duas apresentações orais, nas quais investiu muito do seu tempo porque considera ser fundamental para o dar a conhecer da melhor forma.

Reconhece que falar em público não é fácil mas que também não é uma ciência, "requer cuidado, disciplina mental, paciência". Em Portugal, pelo que conhece, quase ninguém se dedica à comunicação com a atenção que a mesma merece, mas diz que no estrangeiro é fundamental.

Outra das lacunas existentes no cinema português, na qual reside, um dos grandes, senão o maior "calcanhar de Aquiles" do cinema português, é segundo Paulo, o desenvolvimento de projectos. Na sua opinião, todos estão preocupados em fazer filmes, mas poucos se preocupam em desenvolver os argumentos. Sabendo que o argumento é a espinha dorsal do filme, afirma que poucos têm consciência da importância do desenvolvimento de um argumento com metodologia, cuidado e investimento financeiro. Os produtores portugueses não são, pela sua experiência, sensíveis a esta questão, os autores também não e "esta é uma das razões pelas quais a nossa cinematografia é uma das que na Europa tem uma menos relação com o público, é o resultado do não investimento no campo criativo".

O Poliempreende tem marcado uma posição muito forte, porque tem permitido o desenvolvimento de boas ideias, muitas delas transformadas em projectos que poderão dar origem a empresas de sucesso, o que possivelmente acontecerá com a Moviemakers.

A dinâmica do programa de empreendorismo, não vê, na opinião de Paulo Leite, as artes como o seu alvo, dado ser uma iniciativa mais direccionada para as áreas industriais, onde há patentes e, onde diz existirem redes bem implantadas.

No caso do cinema e, principalmente em Portugal, reconhece que o lado industrial não está muito visível. Por um lado, da iniciativa privada não lhe parece existirem apostas marcantes mas, ao contrário do que muitos julgam, o apoio do estado vai surgindo, diz mesmo que "há mais apoios públicos do que no passado".

No meio cinematográfico português, o professor diz que os artistas em geral têm pouca sensibilidade para o lado comercial daquilo que fazem, mesmo quando têm que convencer os outros. "Tendemos a pensar que a arte vale por si só", diz. Para convencer um financiador que o seu filme é melhor que os outros há que persuadir pelo lado artístico mas também pelo lado comercial, não relevando para um segundo plano esta tarefa e, frisa, "não esperar que a outra pessoa faça esse trabalho".

ISEL participa na iniciativa Denver LAB



Portagem da auto-estrada Northwest Parkway, Denver Colorado, nos EUA

NA CONFERÊNCIA internacional "Incident Management, Safety and Security" organizada pela IBTTA (International Bridge, Tunnel and Turnpike Association) de 19 a 21 de Julho de 2009 em Denver, Colorado, USA, o ISEL participou na demonstração

dos resultados da primeira fase do projecto DSRC 5.9 GHz.

A iniciativa Denver LAB tem por objectivo a demonstração desta nova tecnologia e é liderada pela OmniAir (www.omniair.org), uma organização sediada nos Estados Unidos, empe-

Vehicle Braking Ahead
Reduce Speed
Disable Warning

Demonstração de situação de travagem brusca do veículo que seguia à frente deste

nhada no desenvolvimento de processos de certificação de tecnologia de comunicação entre veículos e de veículos para a infra-estrutura. Como alicerce deste demonstrador, foram desenvolvidas pelo ISEL e UA/IT, no âmbito do projecto de investigação e desenvolvimento DSRC 5.9 GHz, cinco unidades (protótipo). Estas unidades, para funcionarem como sistema a ser colocado do lado da infra-estrutura (road side equipment - RSE) ou no veículo (on board unit - OBU), permitiram a demonstração de três serviços distintos: 1) serviço de cobrança de portagem; 2) serviço de sinalização de travagem brusca e; 3) serviço de sinalização de alarme de acidente. Um dos sistemas, a funcionar como OBU, foi colocado no autocarro que levou os participantes do local da conferência em Denver até à auto-estrada Nortwest Parkway (www.nwpky.com), a concessão da Brisa, onde foi realizada a demonstração dos serviços desenvolvidos sobre a tecnologia DSRC 5.9 GHz.

No âmbito da iniciativa Denver LAB foi constituído o Denver Test -Team (DTT) que, para além dos referidos parceiros, junta outras empresas e autoridades do sector dos transportes nos USA. O DTT pretende concorrer a fundos federais americanos para o desenvolvimento da tecnologia naquele no país. A pouco mais de um mês após a demonstração na autoestrada Nortwest Partway em Denver, o DDT conta já com cerca de doze entidades sendo que dez são de origem norte americana (empresas, universidades e autoridades locais).

Luís Osório

O Projecto DSRC 5.9 GHz

O PROJECTO DSRC 5.9 GHz envolve o desenvolvimento de um sistema para a comunicação entre veículos e de veículo para a infraestrutura, como suporte a serviços de segurança rodoviária na linha da iniciativa VII (vehicle infrastructure integration), um projecto do departamento de transportes nos Estados Unidos da América USDOT. Esta tecnologia, em processo de normalização pelo IEEE (802.11p e WAVE 1609), permitirá a comunicação de mensagens curtas entre veículos, por exemplo, em situação de travagem brusca ou acidente numa auto-estrada, todos os veículos que se aproximam receberão uma mensagem de alarme indicativa da situação de potencial perigo. Sendo baseada na plataforma que suporta a tecnologia de comunicação sem fios (Wi-Fi) permitirá, para além de mensagens curtas, o estabelecimento de ligação IP como alicerce no desenvolvimento de outros serviços acessíveis aos veículos equipados com esta tecnologia. O desenvolvimento deste novo identificador activo (on board unit - OBU)

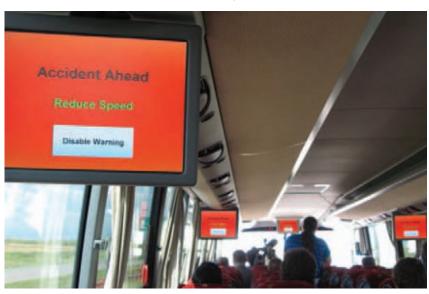


Sistema DSR 5.9 GHz desenvolvido pelo ISEL e UA/IT usado na demonstração em Denver

permite, para além de endereçar desafios de segurança rodoviária, a promoção da integração com outras tecnologias no desenvolvimento de novas aplicações de sistemas inteligentes de transporte (ITS).

Este projecto de investigação e desenvolvimento, financiado pela Brisa, é alicerçado numa rede de colaboração internacional, envolvendo o Instituto Superior de Engenharia de Lisboa – ISEL, o Instituto de Telecomunicações – IT, a Universidade de Aveiro – UA, a OmniAir (USA), a Northwest Parkway (USA) e a empresa portuguesa Whatever.

A importância deste desenvolvimento é reforçada pela decisão da Europa (Directiva Comunitária) em harmonizar a utilização do espectro de rádio na banda de frequências 5875-5905 MHz (5.9 GHz) para aplicações de segurança rodoviária. Esta parceria com a OmniAir e Northwest Parkway, permite a Portugal ambicionar participar no desenvolvimento de produtos inovadores com projecção global na área dos sistemas inteligentes de transporte e em particular no desenvolvimento da segurança rodoviária.



Demonstração da situação de aproximação de uma situação de acidente

L.O.

Do Conservatório ao Espaço das Aguncheiras



São José Lapa Instinto fatal pelo teatro

A paixão pelo teatro determinou-lhe a vida, moldou-lhe ideias e convicções, condicionou-lhe encontro e desencontros, inspirou-lhe amores. Aluna brilhante do Conservatório Nacional, actual Escola Superior de Teatro e Cinema, São José Lapa ensaia hoje, no Espaço das Aguncheiras, junto ao Cabo Espichel, em contacto com a natureza, novas e velhas maneiras de levar o teatro a quem o não tem.

Textos de Clara Santos Silva • Foto de Vanessa de Sousa Glória

AOS 58 anos, Maria de São José Mamede de Pádua Lapa pode ser encontrada actualmente de enxada na mão, numa paisagem que contrasta o verde da serra com o azul do mar. Na propriedade que adquiriu em 1998, no Cabo Espichel, Sesimbra, a actriz investe todo o seu tempo e dinheiro na cooperativa cultural, o Espaço das Aguncheiras. O objectivo é usar a quinta para explorar a agricultura biodinâmica, desenvolver energias alternativas e fazer teatro, muito teatro.

Nascida no dia de S. José, guarda nas recordações de infância muitos afectos e algumas discussões.

Cresceu no seio de uma família conservadora e de média burguesia. Filha de Maria Palmira Lapa, professora de canto coral, e de Fernando de Pádua Lapa, que considera libertário, também ele cantor. A imagem que tem do pai é de um homem conservador com uma visão muito própria do papel do homem em casa. Mas, as mudanças trazidas pelo 25 de Abril transformaram-no numa pessoa muito bem-disposta e alegre. Os pais chegaram a dar espectáculos no S. Carlos. A mãe foi quem a fez descobrir o teatro. Fala da sua visão da relação pedagógica entre os jovens e a música. Trabalhou até aos 90 anos. É grande a emoção e saudade quando lembra os pais, que faleceram em 2008. Não, sem antes passarem belos momentos no Espaço das Aguncheiras.

Pela educação que teve, São José, foi crente até aos 16 anos, mas é





Com o avô aos 4 anos de idade

actualmente agnóstica. A irmã, Fernanda Lapa, mais velha 7 anos foi a sua segunda mãe.

São muitas as referências das tias, que "viviam bem". Fala dos seus Verões em família, passados no Estoril, em que se sentia a "dona do mundo". Contrastando com o cosmopolita, após a praia chegava o descanso no campo, na zona de Seia, de onde a mãe era natural. Julga que possivelmente a sua inclinação pela natureza surgiu precisamente nessa altura da infância. Passou então a ter a noção da importância da natureza na vida das pessoas.

Ainda hoje ao olharmos para São José percebemos pela sua expressão corporal os movimentos graciosos de uma bailarina. Talvez porque, também por iniciativa da mãe, quando completou 5 anos, foi inscrita na escola do S. Carlos. Foi uma desilusão, mas a mãe achava que a filha tinha algum talento. No ano seguinte inscreveu-a no Conservatório Nacional na aula de Mar-

garida Abreu, no antigo curso de dança. Lá ficou até aos 10, 11 anos, altura em que disse que não queria continuar. Reconhece no entanto, que foi algo que a disciplinou e que lhe deu independência.

Nunca foi boa aluna, auto proclama-se aliás, uma "mafaldinha contestária". Passou por uma época em que eram muitas as mudanças, principalmente na sociedade. Toda a pedagogia da altura, mesmo na arte sofreram com isso. Na altura, os pais não a pressionaram muito porque não viram nela grande vontade de continuar. Acabaria por regressar ao Conservatório já com 21 anos, depois de algumas experiências no teatro. A sua estreia no palco foi em 1971, aos 19 anos, na peça "Deseja-se Mulher". Na época fazia parte do grupo Lidia, a mulher tatuada e os seus actores amestrados, juntamente com José Fanha, Carlos Manuel Rodrigues, Clara Joana, entre muitos outros.

A entrada no Conservatório para o Curso de Formação de Actores e Encenadores, liderado por Mário Barradas, aconteceu depois de um exame ad-hoc. Marcelo Caetano estava no poder, e estava em curso a Reforma Veiga Simão.

O 25 de Abril chegou entretanto, e com ele aconteceu algo, de que muito se honra, quer ela, quer Teresa Madruga – a abertura dos Cursos Livres. Foram muitos os que puderam ingressar no Conservatório que de outra forma não poderiam. A visão que na



Com cinco anos de idade

altura o poder tinha sobre o Conservatório era muito limitada, não permitindo uma abertura para o exterior.

Com a já conhecida rebeldia que caracteriza São José, não hesita em dizer que este processo custava aos professores, que não estavam dispostos a trabalhar muito. Chegou a confrontar um dos professores, que durante muitos meses não apareceu para dar aulas.

A actriz fala com saudade desses anos de "grande maluqueira", mas não deixa de reforçar, que - "Portugal não tinha, como não tem, uma visão estética do teatro". O lado sociológico das coisas que sempre tentou preservar leva-a a encontrar a resposta a esta falha, na falta de tradição e de fulgor, de um povo que goste de teatro. Também ela teve uma aprendizagem no gosto pelo teatro. A irmã, Fernanda Lapa, mais velha, não podia ir ao teatro sem levar a irmã, porque os pais não deixavam. Desde os 8 anos que vê muito teatro, o que considera ter sido a sua melhor escola.

Na sua opinião falta um pouco do que nos Anos 40 existia – a Amélia Rey Colaço, cujos textos foram muito importantes para o Teatro Nacional, para além de outros profissionais como a Eunice Muñoz. Na época, os directores - "tinham uma visão intelectual muito acima da média, não procuravam a brejeirice, mas sim os textos importantes que havia em Portugal".

No final do curso do Conservatório que durou 3 anos, Filipe La Féria chamou-a para fazer Eva Péron, a partir de Copi que, acabaria por se tornar, em 1975, na primeira "proibição" pós 25 de Abril. O encenador só conseguiu levar à cena o texto, em 1984, na Casa da Comédia, tendo como protagonista Mário Viegas e a cenografia a cargo de Alberto Lopes. Ainda hoje São José vê em Copi, ou antes, Raúl Damonte Botana, um extraordinário artista argentino.

Como tudo na sua vida, as coisas foram acontecendo, engravidou e acabou por casar com Alberto Lopes, estudante de arquitectura e músico. A gravidez foi um grande desejo, não sabe o que hoje seria sem a sua filha.

Em 1977 concretizou um sonho, a Descentralização Teatral, formou formou com o marido, A Centelha que andou pelo distrito de Viseu a mostrar o seu trabalho junto das escolas. Nessa altura, já a sua filha, Inês Lapa Lopes, com 1 ano, a acompanhava nas aventuras.

Durante três anos mantiveram A Centelha em Viseu, graças ao Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis. Fizeram muito teatro pelos 26 concelhos, dos 27 que o distrito possui. O trabalho foi quase todo junto das escolas primárias e, consistia em fazer um espectáculo, ao que seguiam 3 a 4 visitas à escola, nas quais ensinavam todo o processo de construção de um fantoche. Na segunda fase brincavam às improvisações e pediam às crianças para escrever pequenas redacções. Era a melhor forma de acompanhar todo o processo e ainda hoje lembra os resultados engraçados que conseguiram. Um dos espectáculos levados à cena pela Centelha foi A Gaiola é uma coisa horrível. "Eram 12 pessoas com muito trabalho, muitos problemas e pouco dinheiro". Acabaria por cinco anos mais tarde se separar de Alberto Lopes, encenador e director de espectáculos, mantendo até hoje uma relação de amizade.

Curiosamente, trinta e dois anos depois é o "voltar às origens" com o trabalho pelo qual luta diariamente com o Espaço das Aguncheiras.



No dia da profissão de fé aos doze anos

Actualmente, e olhando para o que se faz actualmente em teatro continua a achar que nada mudou.



Na revolução do 25 de Abril



Com a filha Inês ao colo e os espectadores da Centelha, em Viseu, no ano de 1977

O encenador João Lourenço, com quem trabalhou na peça Mãe Coragem, de Bertolt Brecht, relembra que a ideia de descentralização sempre esteve dentro de São José Lapa, e que o seu projecto deveria ser muito acarinhado por ser algo tão raro ver 2 mulheres enveredarem por este caminho, - "deve ser muito ajudada, porque é sempre importante divulgar o teatro fora de Lisboa". A ajuda, essa, tarda em chegar até porque a Cooperativa Espaço das Aguncheiras não tem qualquer apoio. Por outro lado e, dada a sua natureza, todo este processo de provar que é possível fazer coisas interessantes, lhe dá muito prazer.

São José recorda que a profissão de actor no 25 Abril era vista de forma diferente pelas classes sociais e, que apenas uma minoria fazia teatro interessante, os restos faziam revista. No caso concreto da mulher, os portugueses representavam uma "massa fechada e conservadora que não via na mulher qualquer autonomia". A própria mãe lutou pelo seu papel e não conseguiu. Os pais não ficaram muito satisfeitos com a escolha da irmã que se voltou para o teatro mesmo depois de tirar o curso de Assistente Social e já ser mãe de filhos. Quando chegou a sua vez de enfrentar os pais com as suas opções chegou, a época era outra.

Ainda no seu percurso pelo país fez um trabalho com base em textos

alusivos à ruralidade. A peça Os 4 dias de viagem, desde aqui até à terra do homem novo, em 1977/1978, foi considerado muito avançado para a época. Era aquilo a que chamavam teatro invisível. Os 4 actores do elenco estavam vestidos e sentados na plateia, onde mantinham diálogo com o

público, tentando suscitar discussões, sempre sem se darem a conhecer. No palco não estava ninguém e, São José representava a prostituta do Porto, ou da Beira, dependendo do local, havia o proto-fachista, a tia e o burocrata. Lembra-se de, em Tondela, um senhor ter marcado um encontro com ela e, de no Porto, uma senhora querer sair da sala de tão incomodada que estava com a conversa. Ao contar a história é inevitável não soltar gargalhadas com o seu sotaque imbatível do "nuorte".

As histórias para contar são muitas e, quando as conta não consegue deixar de dar voz aos seus personagens, quase como que de um regresso ao passado se tratasse. É uma comunicadora nata com uma dicção de fazer inveja a quem a ouve.

Depois de Viseu deu-se o regresso a Lisboa, em 1979/80, altura em que La Féria a convidou para interpretar Anna Magnani na peça "A Paixão de Pier Paolo Pasolini". Não chegou a fazer toda a temporada, mas apenas 9 meses de ensaios e 3 meses de espectáculo, isto porque caiu e em consequência magoou-se gravemente numa perna, o que fez com que não voltasse.



A actriz, em primeiro plano, na peça Mãe Coragem em 1988

Retrato da actriz enquanto encenadora

É UMA MULHER do teatro e muitos dos que a vêem em palco confessam-se fascinados com ela. Mas para São José Lapa a representação não basta. O outro lado do palco, aquele que está intimamente ligado à encenação, também a atrai, leva-lhe paz, serenidade. A aventura da encenação começou para ela cedo, nos tempos d'A Centelha, aos 28 anos, em Viseu.

A sua passagem pelo Teatro Nacional e as mentalidades instaladas criaram alguns constrangimentos a esta paixão, mas a sua força sempre se mostrou mais forte que tudo. O Nacional mostrava ter uma estrutura herdada com uma opção dirigente estabelecida, dentro da qual as mulheres não poderiam ascender a encenadoras. A irmã, Fernanda Lapa, em 1972 tinha conseguido abrir caminho na Casa da Comédia para a encenação feita por mulheres. Antes dela, só Luzia Maria Martins, mulher muito esquecida do Teatro Vasco Santana, Amélia Rey Colaço e pouco mais.

Como actriz no Teatro Nacional, sentiu uma disciplina que não lhe permitia mostrar os seus próprios projectos. Entre 1993 e 1994, Ricardo Pais propôs-lhe fazer uma encenação em apenas um mês. Recusou, por pensar que não conseguiria fazê-lo em tão curto espaço de tempo e, depois de tantos anos de interrupção. Mais tarde, sob a direcção de Carlos Avilez, surgiu nova oportunidade de fazer uma incursão na encenação. Aceitou fazer "Despir a que está nua", de Griselda Gambaro, que esteve no Centro Cultural de Belém cerca de um mês, sempre com sala cheia..

cional, caso contrário teriam que

Nesse mesmo trabalho teve a oportunidade de dirigir as actrizes Ana Bustorff e Teresa Roby e o actor Rui Pedro Cardoso, que se tornaria mais tarde seu genro.

Com as mudanças de direcção do Teatro Nacional, nomeadamente na época de João Grosso, a estratégia passou a ser outra. Muitos dos actores do Nacional faziam trabalhos em televisão o que se tornaria, na sua opinião, algo incómodo na "casa". Foi dito a alguns actores de mais idade, entre quais São José Lapa estava incluída, que teriam que deixar de fazer televisão, em simultâneo com a permanência no Teatro Na-

> sair. São José e outros colegas acabaram por sair por sentirem que não havia condições para ficar num ambiente hostil. Acabaram por se arrepender

de o ter feito, ao constatarem que os colegas que lá permaneceram continuaram a fazer televisão.

O seu último trabalho de encenação no Teatro Nacional foi "As Cenas de uma Execução", de Howard Barker. Seguiu-se um largo período de interregno, necessário para acalmar a impaciência. A tranquilidade chegou com o Espaço das Aguncheiras. Para além dos trabalhos em Sesimbra. em 2005 embarca na encenação da peça de Inês Pedrosa, "12 mulheres e 1 cadela", que subiu à cena no Teatro da Trindade. Neste trabalho contou com a presença da sua cadela Etra.

Os projectos de São José Lapa continuam e a luta pela descentralização teatral também.

Em 1982 desempenhou Paulina na peça Casamento Branco, dirigido pela irmã Fernanda Lapa, na Companhia Nacional Popular. A sua interpretação valeu-lhe o Prémio de Melhor Actriz do ano pela crítica.

Na altura, a secretaria de Estado da Cultura era encabecada por Braz Teixeira, mais tarde director do Teatro Nacional D. Maria II, alguém que preza imenso, na sua opinião, um filósofo. Afirma ter sido dos poucos homens da cultura que assistia a todos os espectáculos, sendo detentor de uma ideologia muito própria. Isto em contraste com aquilo que hoje vê acontecer no Ministério da Cultura.

Em 1983, São José Lapa iniciou a sua actividade no Teatro Nacional D. Maria II, precisamente a convite de Braz Teixeira. A sua estreia deu-se com Fernando Talvez Pessoa, encenada

por Artur Ramos. Ressalta a obsessão com que trabalhou para esta peça e o prazer que lhe deu, até porque acabou por interpretar vários personagens. Com alguma coincidência à mistura, São José vivia e ainda hoje vive, na Bela Vista à Lapa, mesmo ao lado da casa onde Fernando Pessoa viveu com a avó esquizofrénica. Neste período e, não se inibe em afirmar que "ainda se fazia teatro à antiga, sábado à tarde e à



noite, neste momento os actores estão menos relaxados para fazer este tipo de coisas". Mas, na sua opinião tudo assenta no facto de existir uma anarquia de regras de visão, isto porque muitos profissionais da área têm dificuldade em distinguir o bom do mau.

Aquando da sua ligação ao Teatro Nacional D. Maria, muitos actores da sua geração mantiveram-se lá lutando por uma reforma que consideravam necessária. Na época São José foi convidada para ficar, a par de Curado Ribeiro, Carlos Paulo e Carlos Daniel. Foi ficando, porque apesar de ter projectos próprios, a filha era pequena e havia que sustentar a família. Não esconde a realidade, porque quem a conhece sabe que "não é de máscaras, já basta aquelas que tem que usar em palco".

Um dos seus grandes trabalhos no Nacional foi a interpretação de Yvete em Mãe Coragem, de Bertold Brecht, com encenação de João Lourenço. O encenador diz ter conhecido São José na Casa da Comédia, como espectador, num espectáculo de Arthur Kopit, Deseja-se Mulher, de Almada Negreiros. Não deixou mais de a ver, na sua opinião mostrou qualidades e um talento fora do vulgar e uma presença enorme. Chegou a ver também Casa-

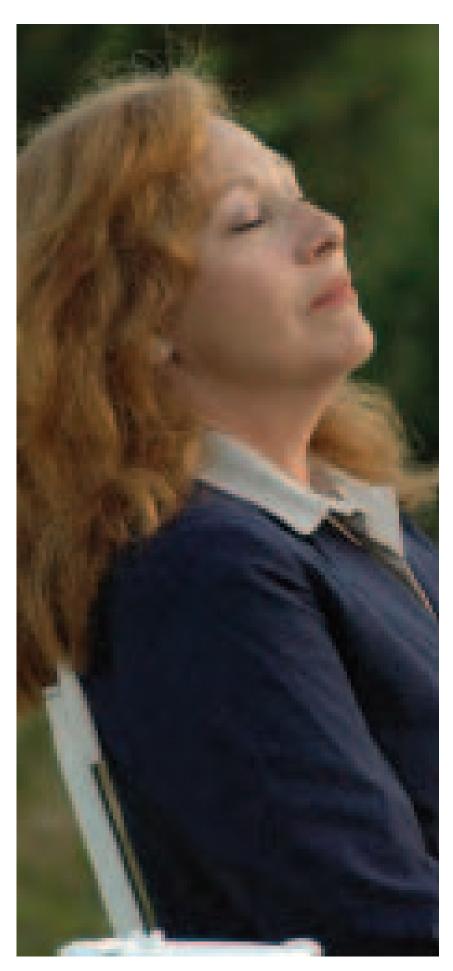


Com João Perry, em 2001, na telenovela Fúria de Viver

mento Branco, e acabou, por sua opção por dirigir-lhe o convite para fazer Mãe Coragem, porque viu na actriz o perfil mais adequado para o papel. Foi aliás uma interpretação que lhe abriria novas portas. Herman José após a ter visto em palco convidou-a para trabalhar consigo. Apesar de ser



Em 2008, no Espaço das Aguncheiras, em Sesimbra, com o elenco da peça "Tio João (Vânia)", (em cima da esquerda para a direita): João Paiva, Joana Manaças, Isabel Martins, São José Lapa, (em baixo da esquerda para a direita): José Rocha Santos, Inês Lapa Lopes, Rui Paulo e João Cabral



um trabalho fora do âmbito a que estava habituada, considera que um actor tem que interpretar qualquer coisa caso contrário não é actor. Tem que saber fazer comédia e drama. O Humor de Perdição foi o primeiro trabalho com Herman, o último trabalho foi um programa de final de ano. Foram duas séries de humor e dois programas de fim-de-ano, para além do filme Lampião da Estrela. O Herman José é para a actriz, o único laborioso da comédia. Alguém que produzia textos, muito por influência das relações que tinha no seu mundo muito próprio. Não deixa de referir Casino Royale como uma produção muito bem executada, com histórias engraçadas e entroncadas que fazem paralelo com muitas séries que se faziam no exterior.

Ainda em televisão fez parte de uma série de sucesso, Médico de Família, que deu um pontapé de saída na ficção nacional, adaptada de uma série espanhola. O ambiente entre actores era muito bom. A princípio não se dava bem com Henrique Mendes, mas acabou por nascer daí uma amizade. Era um homem conservador, uma pessoa com algum pequeno rancor, um pouco provocador, mas depois de muito conversarem entenderamse. O projecto durou cerca de 3 anos, e na sua opinião correu bem. Fez parte de alguns elencos de telenovelas em períodos complicados da vida, nomeadamente na Ganância, durante a qual foi diagnosticado um cancro à sobrinha Mónica Lapa. A Fúria de Viver foi outro dos trabalhos em televisão.

Fala da polémica dos horários de transmissão das telenovelas portuguesas em detrimento das brasileiras. Na sua opinião há vários pequenos enquadramentos que só levam a que o cidadão português cresça. Daí que sinta que existe uma negação por parte das produtoras em Portugal.

No cinema, foram poucos os convites. Nunca chegou a fazer um trabalho de protagonista, o que seria muito interessante, apesar de não se tratar de uma ambição. O ideal seria interpretar o papel de uma mulher pós anos 90. No entanto, a visão instalada remetese mais para papéis mais teatrais, por

Sonhos, com a natureza em fundo



Na peça "Dona Redonda" no Espaço das Aguncheiras em 2008

O Cabo Espichel, em Sesimbra, é o cenário da actriz São José Lapa desde há muito tempo e é lá que partilha com a filha, Inês, a paixão pelo teatro. Foram muitas as férias passadas na zona, numa casa alugada, até encontrar a quinta que hoje é o Espaço das Aguncheiras.

Em 1998 adquiriu a propriedade a que deu o nome de Deculta, Desenvolvimento Cultural das Aguncheiras, designação que entretanto evoluiu para Espaço das Aguncheiras. Situa-se numa zona de serra e mar, em total equilíbrio. A viragem do ano 1999 para 2000 já foi ali passada com a família, em pleno contacto com a natureza e sem algumas "mordomias" do século XXI. E foi ali que há 10 anos surgiu a sua companheira inseparável, Etra, uma cadela abandonada, que acolheu e que já participou em espectáculos, nomeadamente na peça "12 mulheres e uma cadela".

A ideia inicial da actriz era criar um Centro de Artes, através do qual pudesse de alguma forma voltar reavivar o trabalho que fez em Viseu há 32 anos. Com algum trocadilho à mistura diz que nas Aguncheiras quer "brincar com a Kultura e com a cultura da batata".

A transformação do espaço num campo de artes plásticas, teatro, cinema, música e agricultura é agora o sonho. Surgiu numa altura em que estava zangada com a profissão e tinha acabado de sair do Nacional.

A preservação ambiental está, ali, sempre presente. Primeiro criou a horta biodinâmica, com a qual conseguiu 15 inscrições de gente interessada em colaborar no projecto. Aos poucos foi construindo o espaço, com o apoio da Câmara Municipal de Sesimbra. E em 2006 apresentou o primeiro espectáculo ao ar livre, "O Sonho de uma Noite de Verão", de Shakespeare. Pelo meio surgiu a oportunidade de participar no programa da RTP, Dança Comigo, como elemento do júri, que ajudou a publicitar o projecto.

Tem feito espectáculos infantis no Cineteatro João Mota, em Sesimbra, uma sala com poucos lugares. A peça – As Aventuras de Dona Redonda, baseada no livro de Virgínia Castro Almeida – é um trabalho feito só com amadores, totalizando cerca de 18 pessoas. Cada espectáculo tem um subtítulo e conta com crianças filhas de actores. São José tentou fazer uma adaptação da obra o mais fidedigna possível.

Em 2007 levou a público, A Gaivota, de Tchekhov; em 2008 uma nova interpretação de Tio Vânia, do mesmo autor; e já este ano a peça O Rancor, de Hélia Correia, que há muito queria levar à cena, estreado na Fortaleza de Sesimbra, antes de passar para o Espaço das Aguncheiras. Os trabalhos foram sempre apresentados com cenários construídos no espaço e apresentados ao ar livre.

O Espaço das Aguncheiras concorreu entretanto ao Palco das Oportunidades do QREN IPOPH, na tentativa de obter mais financiamento. Espera poder um dia redimensioná-lo para as energias alternativas, para que não tenha que usar um gerador. Isso já seria um pontapé de saída para o espaço funcionar de forma autónoma.

isso não lhe parece algo a concretizar. Mesmo perante este panorama, foram vários os convites que aceitou.

O filme de Luís Filipe Rocha, Sinais de Vida - Um breve Sumário da Vida e Obra de Jorge Sena, de quem é grande apreciadora literária, foi um deles. Lê muito, mas acha que deveria ler mais apesar de o tempo ser muito escasso. Fez a película Jogo de Mão, de Mónica Rutler que enquadrava várias histórias e, no qual também a filha Inês, com 7 anos entrou, fazendo de filha o actor Júlio César. Recorda também um outro filme em que participou, de uma realizadora holandesa. A obra cinematográfica baseou-se nas 3 Marias: Maria Teresa Horta; Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, que nos anos 70 lançaram a obra colectiva As Novas Cartas Portuguesas, que deixou marcas profundas na sociedade portuguesa e lhes valeu um processo judicial. São José Lapa deu corpo e voz a uma homossexual, que representou um grande trabalho de preparação, nomeadamente no que respeita a vencer os seus próprios preconceitos. A estreia no filme deu-se na Figueira da Foz e deu muito que falar. Outro dos trabalhos que constituiu um sucesso de bilheteira foi A Nuvem, de Ana Luisa Guimarães.

Chegou a participar em pequenos filmes franceses. O trabalho cinematográfico mais interessante foi uma comédia de João Botelho, Tráfico. Recebeu outro convite do realizador, mas não aceitou. Se o texto se mostra interessante aceita, mas com esta sua opção



No papel de Benedita na série televisiva "Médico de Família" em 1998

reconhece já ter perdido "alguns milhares". Se vai interpretar a história que um realizador escolheu, pelo menos que a "sua história" tenha algo a ver consigo.

Como espectadora diz não haver um filme a que possa chamar o da sua vida, são vários. Nomeia a fita Stalker, de Andrei Tarkovsky, passado na Rússia contemporânea dos anos 80, pós desastre de Chernobyl. Marcou-a porque ainda hoje guarda as imagens dramáticas.

Pode dizer-se que se apaixonou por todos os trabalhos que fez. Diz mesmo que "ai de quem não se apaixone pelo que está a fazer, mesmo no papel de um assassino tem que haver um momento em que existe uma paixão, caso contrário funciona como um autómato".

Pelo meio foi fazendo encenação, trabalho que a completa como profissional e que lhe dá tranquilidade.

Continua a gostar muito de viajar, mas em regra prefere o barco, pois o mar transmite-lhe calma.

No turbilhão de emoções que a caracterizam só mesmo a enxada na mão para plantar árvores e outras que tais para a distrair nos poucos tempos livres de que dispõe.



Nas férias de 2004 com a filha Inês Lapa Lopes

Aluno da Escola Superior de Teatro e Cinema

João Salaviza vence em Cannes

JOÃO Salaviza, aluno finalista da Escola Superior de Teatro e Cinema, foi o vencedor da Palma de Ouro do Festival Internacional de Cinema de Cannes para curtas-metragens, realizado em Maio. "Arena" é o título da fita que tornou o jovem realizador português notícia de destaque em todos os jornais e televisões. A película, que já tinha sido galardoada no Festival Indie Lisboa, conta a história de Mauro, um jovem que se encontra a cumprir pena de prisão domiciliária e que enfrenta o dilema de transgredir ou não a lei para enfrentar um grupo de miúdos marginais. O argumento foi inspirado no "Caso Gisberta", o transexual brasileiro que morreu vítima das agressões de um grupo de menores, na cidade do Porto.

João Salaviza é um amante das películas sul-americanas, em resultado sobretudo de ter estudado um ano na Argentina. Gosta do cinema marginal, duro e cru, que espelhe certas franjas da sociedade. A Palma de Ouro é o início do estrelato de um realizador diferente no cinema português, menos comercial e mais estruturado.

O ministro da cultura, José António Pinto Ribeiro, associou-se às manifestações de contentamento pelo resultado alcançado em Cannes, apontando como exemplo para os jovens que recebem apoios para realizarem os seus projectos. Esta é também uma aposta ganha pela Escola Superior de Teatro e Cinema do Instituto Politécnico de Lisboa, onde João Salaviza adquiriu as bases e se formou como realizador, o que vem provar o bom trabalho que se está a fazer naquele estabelecimento de ensino superior.

O realizador, que se licenciou este ano em Cinema, no ramo de Montagem, espera que este prémio lhe abra portas para continuar a evoluir e a fazer o cinema que gosta.



João Salaviza, o realizador

Estudante de Cinema vence





"Arena" foi a curta-metragem com que João Salaviza, aluno da Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa, arrebatou a Palma de Ouro na competição oficial de curtas-metragens do Festival de Cannes 2009. O jovem realizador, que concluiu este ano a Licenciatura em Cinema no ramo de montagem, aposta num cinema chocante, capaz de retratar o nosso quotidiano, por mais incómodo que ele seja.

Textos de Paulo Silveiro • Fotos de Vanessa de Sousa Glória

A PARTICIPAÇÃO do filme de João Salaviza em Cannes foi decidida pelo realizador e pela sua produtora, Filmes do Tejo, que entenderam ter o filme a qualidade necessária para participar num dos três grandes festivais europeus, Berlim Cannes e Veneza. Até porque o filme já tinha ganho o Prémio para Melhor Curta-metragem Portuguesa do IndieLisboa'09.

Estes três festivais têm como condição de participação a estreia das películas nos seus certames. Depois da recusa de Berlim, Cannes aceitou a "Arena" na competição oficial de curtas-metragens. O filme de do jovem realizador foi um dos nove escolhidos entre cerca de três mil filmes candidatos. O prémio foi inesperado e o realizador espera que o reconhecimento em Cannes lhe abra as portas para os seus próximos projectos que incluem uma curta-metragem e depois o grande desafio de escrever e realizar uma longa-metragem.

O despertar cinematográfico de João Salaviza ocorreu na adolescência. Nascido em Lisboa, em 1984, desde menino que ele vive no meio das "fitas". O pai, José Edgar Feldman, monta filmes e chegou a realizar alguns; e a mãe é produtora de televisão.

João fez algumas participações em telefilmes, mas foi aos 16 anos que começou a interessar-se verdadeiramente pelo cinema. Em 2002, com 18 anos, ingressa no curso de Cinema da Escola Superior

Uma experiência

Em 2006 João Salaviza interrompeu os seus estudos na Escola Superior de Teatro e Cinema para, durante um ano, estudar na Universidad del Cine em Buenos Aires na Argentina. Foi uma experiência marcante para o jovem realizador que teve a oportunidade de frequentar um ensino diferente. A dimensão superior da Universidade Argentina, relativamente à ESTC, permite-lhe produzir anualmente dezenas de curtas-metragens que concorrem aos grandes festivais de cinema. Já no que respeita à qualidade dos professores o nível é semelhante, apesar dos docentes argentinos serem menos académicos e mais ligados à produção efectiva de filmes. Apesar de a Argentina, à semelhança de Portugal, ser um país peri-

de Teatro e Cinema do Instituto Politécnico de Lisboa, na área da montagem. E em 2004 ganha o seu primeiro prémio, com a curta-metragem "Duas Pessoas", no Festival de Cinema de Vila do Conde. Actualmente sente que, devido à sua juventude,

do desassossego

Palma de Ouro em Cannes

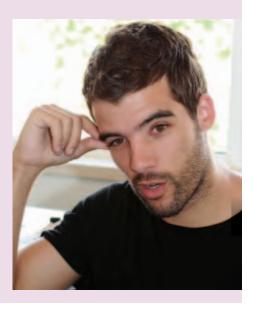




marcante na América Latina

férico em termos de produção cinematográfica, produz mais filmes do que o nosso país.

João Salaviza é um admirador do cinema que se faz na América Latina, que retrata a realidade local, acompanhando as mudanças sociais dos países, as crises políticas e as revoltas populares. É este tipo de cinema que o realizador quer fazer em Portugal, mostrando os podres que incomodam a sociedade e que se escondem em guetos regidos pelas suas próprias leis. Mas a realidade que João Salaviza quer mostrar foge dos estereótipos geralmente apresentados nestes casos. O realizador não hesita em afirmar-se como sendo de esquerda, embora apartidário, uma vez que considera que a arte e a cultura sempre estiveram ligadas aos ideais defendidos pela esquerda.



desperdiçou a oportunidade de adquirir uma bagagem teórica que a escola lhe proporcionava, e que hoje lhe interessa particularmente. Por outro lado, esse contacto inicial com as filmagens na sua juventude permitiu-lhe ganhar uma experiência que

actualmente lhe tem sido útil, nos trabalhos que tem desempenhado na edição de imagens para a TV e na publicidade.

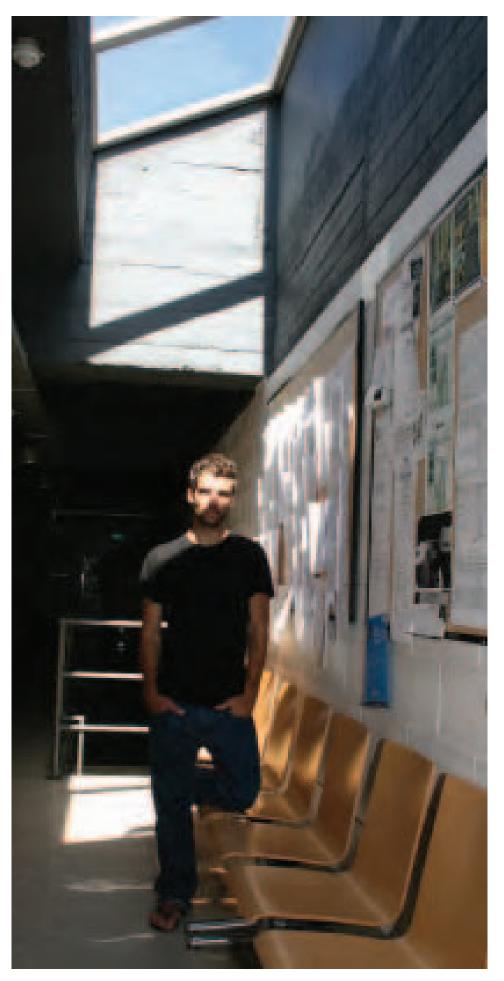
No ensino artístico, os alunos acabam por serem mais influenciados por um professor que lhes desperta as qualidades e Ihes incute os sonhos. Para João Salaviza foi o professor Vítor Gonçalves, que lhe moldou o estilo e o acompanhou no desenvolvimento dos projectos cinematográficos.

João Salaviza foi aluno da Escola Superior de Teatro e Cinema durante muitos anos. tendo acompanhado a evolução da Escola e as mudanças curriculares. O realizador considera que, actualmente, existe na ESTC mais diversidade nas áreas que põe à disposição do aluno. Isto permite aos estudantes um legue alargado de escolhas e uma maior responsabilização para a obtenção de resultados. Noventa por cento dos realizadores em actividade nos últimos trinta ou guarenta anos passaram pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Para João Salaviza, apesar do aparecimento de novas escolas de teatro e cinema, a Escola da Amadora continua a ser uma referência no meio artístico e a que apresenta melhores resultados ao nível do sucesso dos seus alunos. João Salaviza gosta do cinema de Renoir, Buñuel e Antonioni que nos seus filmes tentam demonstrar as causas e as motivações que levam aos acontecimentos. Ele considera-os autores de "um cinema amoral, sem uma moral podre seguida por uma maioria politicamente correcta". Apesar de considerar que a maior par-

37

Politecnia Setembro n.º 22 / 2009

O Acontecimento



te do cinema feito nos Estados Unidos é muito básico e infantilizado, orientado para um público devorador de pipocas pouco exigente e ávido de cenas de muita acção e pouca meditação, admira os primeiros tempos de Francis Ford Copolla e Martin Scorsece.

Em Portugal, segundo o realizador, também existem seguidores deste tipo de cinema "fast food", que apostam na sensualidade de algumas actrizes e numas cenas de tiroteios à portuguesa. Para João Salaviza, estas "fitas" não contribuem para o património cultural do país e ninguém se sente identificado com aquelas personagens importadas dos filmes de acção de Hollywood. Os filmes não retratam a realidade portuguesa e mesmo tentando seguir os modelos dos "Blockbusters" americanos causam prejuízo.

Em Portugal gosta do Pedro Costa, que também foi aluno da Escola Superior de Teatro e Cinema, e que filma com câmaras digitais mini-DVD; do João Canijo e os consagrados Manuel de Oliveira e João César Monteiro, este último prematuramente falecido. Foi assistente de montagem num filme do realizador centenário.

O jovem cineasta lamenta o facto de na Escola Superior de Teatro e Cinema não existir uma cadeira sobre a História do Cinema Português, para João Salaviza seria importante que os alunos tivessem um maior contacto com as obras que se realizaram nos últimos cinquenta anos.

Quando questionado se existe um público em Portugal para o cinema de qualida-

Uma arte híbrida

APESAR de se ter licenciado na área da montagem, João Salaviza entende o cinema como uma manifestação artística ainda jovem, com os seus cem anos, considerando-a uma arte híbrida que vai buscar referências a todas as outras artes mais antigas. Por isso a montagem é a única área intrínseca do cinema.

O argumento, a representação, as filmagens de cenas, os diálogos, a banda sonora, todos estes aspectos têm como base outros ramos artísticos, como a fotografia, o teatro, a música ou a literatura, lembra o realizador. E é por isso que, em seu entender, todos os grandes directores perceberam e dominam a montagem como um aspecto primordial no cinema.

O Acontecimento

de, João Salaviza, refere que o verdadeiro problema não é o género de cinema que se faz no nosso país mas sim a falta de cultura que grassa na nossa sociedade. Segundo o realizador, ninguém questionou Fernando Pessoa se valia a pena ser escritor num país onde, no início do séc. XX apenas 20% da população sabia ler. Nos últimos tempos o público tem sido educado para consumir "reality shows" e outros produtos cheios de celebridades com sorrisos plásticos, não estando preparado ver coisas diferentes. Nos anos oitenta existiam salas como o Quarteto e o King, onde a programação era escolhida a dedo e que eram frequentadas por um numeroso grupo de espectadores que foram adquirindo uma cultura cinéfila ao ver os filmes dos grandes realizadores como Fellini ou Antonioni. Como referiu um espectador anónimo, quando a sala encerrou, "o Quarteto é cinema e não comércio". Isto acontece porque os pequenos distribuidores, que apostavam no cinema independente, desapareceram. Hoje o mercado é dominado por duas ou três distribuidoras que passam sempre os mesmos filmes nas mesmas salas.

Para João Salaviza a polémica dos subsídios é uma falsa questão, ele próprio foi subsidiado para realizar o seu filme pelo Instituto do Cinema e do Audiovisual (ICA). Só em Hollywood e Bollywood, nos Estados Unidos e na Índia, o cinema não é apoiado pelo Estado, nos restantes países existe um apoio directamente ou indirectamente à produção de filmes.

Segundo o realizador só existem duas soluções: ou se deixa o mercado actuar livremente segundo a lei da oferta e da procura e o dinheiro circula; ou se aceita que o Estado tenha um papel interventivo na sociedade e o cinema terá que ser subsidiado. Isto não quer dizer que o cinema deva estar totalmente dependente da atribuição de subsídios, é bom que o financiamento tenha origem em várias fontes. O realizador entende que o exemplo espanhol, onde existe uma complementaridade entre dinheiros públicos e privados, poderia ser aplicado em Portugal.

Para João Salaviza o panorama no nosso país, no que respeita aos critérios para a atribuição dos subsídios melhorou muito durante os últimos anos. O sistema de painéis de júris rotativos adoptado pelo ICA veio trazer uma maior diversidade nos filmes apoiados. Por outro lado o orçamento que foi atribuído ao Instituto do Cinema não permite que exista uma produção cinematográfica regular em Portugal.



"Arena" e o "Caso Gisberta"

O ARGUMENTO da curta-metragem já tem alguns anos, ao longo dos quais as ideias foram desenvolvidas. O ponto de partida surgiu em 2006, quando foi noticiado o caso Gisberta, o transexual brasileiro que foi agredido por um grupo de menores no Porto, tendo acabado por morrer.

O caso despertou João Salaviza para o problema da delinquência juvenil. A pureza e a inocência das crianças podem facilmente ser substituídas por uma crueldade e uma violência sem limites, sob certas condições familiares e sociais. O argumento foi sendo desenvolvido, foram escolhidos actores e lugares para as fil-

magens. O filme conta a história de Mauro, interpretado pelo actor Carloto Cotta, um rapaz que está a cumprir uma pena em prisão domiciliária e que enfrenta um bando de miúdos marginais. A ideia de que a que a liberdade é um sentimento efémero está presente no facto do protagonista viver em prisão domiciliária, mas a sua verdadeira prisão ser a sua condição social e a do bairro onde vive.

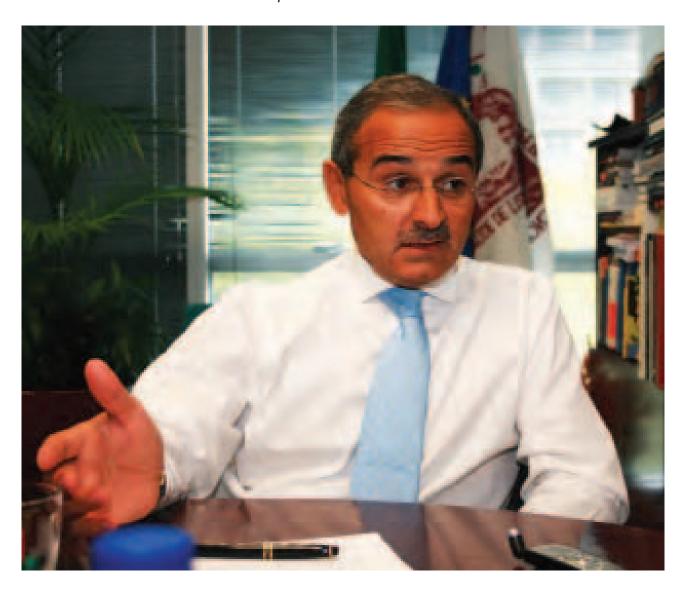
O filme foi rodado no Bairro da Flamenga, em Chelas. A violência é aqui apresentada não como uma fonte de adrenalina, mas como um resultado da conjugação de vários factores.

Manuel Correia lidera Plano de Contingência do IPL

"Êxito do combate à Gripe A passa pela informação que as pessoas detêm"

"Se estivermos preparados para responder à onda pandémica os resultados não serão tão nefastos", adverte Manuel Correia, presidente da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa, no momento em que milhares de alunos e professores regressam à vida académica. Preparada para um possível avanço da pandemia a escola tem já em marcha um plano de contingência que fez questão de partilhar com as outras escolas do IPL, serviços da Presidência e Acção Social.

Entrevista conduzida por Vanessa de Sousa Glória • Fotos de Clara Silva



A Grande Entrevista

OLITECNIA - A Escola Superior de Tecnologia da Saúde está preparada para enfrentar um cenário possível de pandemia da Gripe A?

MANUEL CORREIA - A Gripe A (H1N1) é uma doença que surgiu no dia 24 de Abril deste ano no México e em Junho último foi declarada como pandemia pela Organização Mundial da Saúde. No momento em que foi declarada pandemia não foi tanto pelo número de casos identificados ou pela letalidade que até então tinha provocado, mas pelo número de Países já atingidos e pela forma rápida de disseminação. Portugal não estaria imune a esta doença, como veio a confirmarse, e o Ministério da Saúde implementou de imediato um plano de contenção para retardar o mais possível a propagação da doença, o que tem conseguido até ao momento. A Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa (ESTeSL) com base nas orientações do Ministério da Saúde, através da Direcção Geral da Saúde, estabeleceu um plano de contingência para, se possível, evitar casos da doença, ou nessa impossibilidade mitigar os efeitos do aparecimento desses casos. Importa referir que deste plano de contingência foi dado conhecimento e entregue um exemplar, a todas as Unidades Orgânicas (U.O) do Instituto Politécnico de Lisboa (IPL), Serviços de Acção Social e Serviços da Presidência do Instituto, de modo a que, com as devidas adequações a cada Instituição possamos travar em conjunto, um combate mais eficaz à disseminação do vírus desta gripe.

POL. - A ESTeSL promoveu uma sessão de esclarecimento sobre a gripe aberta às escolas do IPL. Informar a comunidade escolar é essencial nesta fase do processo? M. C. - Tratando-se de um processo conjunto do Instituto as acções desenvolvidas são comuns. Nesse sentido foi disponibilizada informação relacionada com as boas práticas de cada um, nomeadamente quanto à higienização das mãos e relacionamento social. Encontra-se em fase de aquisição pelo IPL produto desinfectante e máscaras para todas as unidades orgânicas. Na ESTeSL identificámos

As várias faces do H1N1

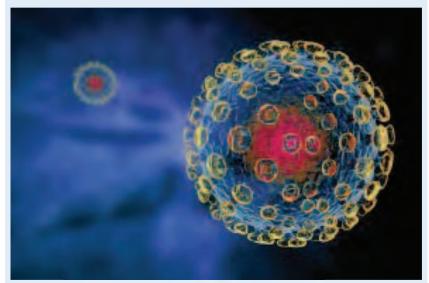
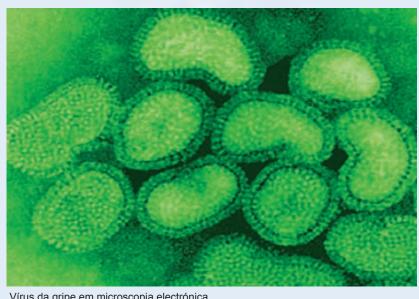


Imagem tridimensional do vírus da gripe





A Grande Entrevista

já um espaço próprio para isolamento temporário das pessoas que apresentem sintomatologia relacionada com a gripe até que sejam reencaminhadas de acordo com o quadro clínico que apresentem. É importante referir que, dadas as características do vírus que provoca a doença, não é possível fazer prognósticos sobre o desenvolvimento da mesma. Apenas podemos estabelecer cenários, sabendo que as acções a levar a cabo serão as mais adequadas às situações concretas. O êxito no combate à Gripe A passa pela informação que as pessoas detêm sobre as características da doença e do modo como a podem evitar. Foi com esse objectivo que decidimos promover esta sessão de esclarecimento que reuniu fundamentalmente dirigentes, professores e funcionários de todo o IPL, atendendo ao momento do ano lectivo em que ocorreu. Mas era fundamental que tivesse sido realizada naquela altura, para que as pessoas com maior responsabilidade de decisão na implementação de medidas de combate à epidemia, ficassem conscientes da dimensão do fenómeno e dos efeitos que pode produzir, se não nos empenharmos todos nessa acção que é prioritária.

POL. – A situação em que vivemos não será uma oportunidade para a ESTeSL promover a sua imagem junto da população?

M. C. – Naquilo que é sua competência a ESTeSL desenvolve inúmeras



O vírus da Gripe A (H1N1)
identificado em Abril
deste ano apresenta uma
combinação de genes nunca
antes observada

acções, noutros âmbitos é certo, junto da comunidade como seja de informação para a saúde, rastreios e outras que têm contribuído para, junto

da sociedade, afirmar a importância da sua missão no ensino, investigação e prestação de serviços. Na situação em que vivemos, a escola além das acções que vem pondo em prática com todo o IPL, integra o Centro de Análise da Resposta Social à Gripe Pandémica, projecto da Escola Nacional de Saúde Pública em colaboração com a Direcção Geral da Saúde e com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

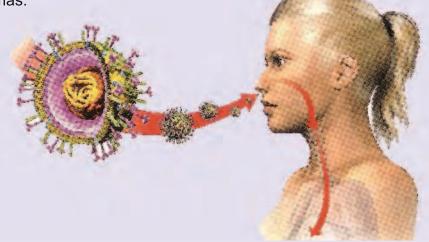
POL. – Porque é que a gripe A é diferente das outras gripes?

M. C. – O vírus da Gripe A (H1N1) identificado em Abril deste ano, apresenta uma combinação de genes nunca antes observada. Como não temos defesas (imunidade) contra este vírus ele propaga-se rapidamente. Em seis semanas disseminou-se por todo o mundo, numa cobertura que os vírus de anteriores pandemias demoraram seis meses a atingir. Estes são os factores que conferem à doença elevado grau de "virulência" e a distinguem das outras gripes.

POL. – Segundo dados do Ministério da Saúde Portugal já teve elevado casos confirmados de Gripe A desde o início de Maio. A grande maioria já está curada e retomou a

Preste atenção a estes conselhos

Esta nova estirpe de virus da gripe A transmite-se de pessoa para pessoa por diversas formas:



- * pelo ar, através de gotículas de saliva, sobretudo da tosse e dos espirros;
- * por contacto das mãos com objectos ou superfícies contaminadas.

O Vírus pode permanecer activo nas superfícies até oito horas.

Fonte: DGS



O placard informativo sobre a Gripe A, na Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa, é actualizado sempre que necessário

vida diária. Ainda assim há razões para alarme?

M. C. – A doença tem características benignas, isto é, o vírus não é mortal. O que pode levar à morte de uma pessoa são as complicações causadas pelo vírus nomeadamente potenciando doenças como a pneumonia, constituindo alguns grupos de risco os doentes crónicos e indivíduos imunitariamente comprometidos. Por isso, apesar de a doença ser benigna temos de ter por ela o mesmo respeito como por qualquer outra de modo a reduzir o risco ao mínimo possível, sabendo que ele existe.

POL. – Até ao momento existem casos confirmados de contaminados pela gripe A nas nossas escolas?

M. C. – Até esta data desconhecemos a existência de qualquer caso de Gripe A nas Instituições que integram o Instituto Politécnico de Lisboa.

POL. – No arranque do novo ano lectivo está prevista alguma acção específica para os alunos? M. C. – Serão promovidas acções de

esclarecimento e sensibilização sobre a doença e procedimentos que cada um deve adoptar para evitar a propagação deste grupo. A responsabilização individual é determinante no controlo da disseminação do vírus, mas para isso temos de conquistar as pessoas sensibilizando-as para a importância dos seus actos e dos seus gestos em cada momento e em cada espaço.

POL. - Em que situação a utilização de máscara será obrigatória? M. C. - Quando as pessoas têm sintomas de gripe devem usar máscara de modo a protegerem os que se encontrem na proximidade. E a proximidade considerada de risco é a um metro ou menos do indivíduo que se encontra infectado. Naturalmente que os profissionais de saúde ou outros agentes que tenham contacto com estes doentes devem protegerse. Às pessoas saudáveis que não se encontrem nestes grupos profissionais, não está comprovado qualquer benefício pelo uso da máscara.

POL. – Considera que a comunidade da ESTeSL está mais consciente para os perigos da gripe A?

M. C. - Todos assistimos diariamente a uma profusão de informação sobre este fenómeno que não nos deixa indiferentes. Nessa perspectiva tenho de estar confiante quanto ao interesse e naturalmente quanto à percepção que cada elemento que constitui a Comunidade Académica da Escola, acompanha este assunto e formula atitudes e comportamentos individuais que sabe serem decisivos para o bem-estar colectivo. Por outro lado, como já foi referido, as acções levadas a cabo na Escola, integradas no Plano de Contingência que está definido, tem contribuído para a consciencialização dos perigos da gripe, mas fundamentalmente para prevenir o seu aparecimento na Escola. POL. - Num possível cenário de algum membro da Escola Superio de Tecnologia da Saúde de Lis-

A Grande Entrevista



Segurança, limpeza, manutenção, informática e recursos humanos, a par da energia e comunicações, são serviços cujo funcionamento não pode ser interrompido, estando previstas redundâncias em cada um deles para garantir esse funcionamento

boa apresentar sintomas de Gripe A que medidas serão tomadas no imediato?

M. C. - Em qualquer circunstância que uma pessoa apresente sintomatologia típica da Gripe A, será encaminhada para o local que está determinado e equipado para o efeito. Procuramos um espaço de fácil acessibilidade para quem está no interior do edifício, mas também para quem, eventualmente, tenha de recolher a pessoa doente a partir do exterior. A partir deste espaço de "isolamento social" a pessoa contacta a Linha Saúde 24 que, face aos sintomas reportados, a aconselhará sobre os procedimentos a ter perante a sua situação clínica específica. POL. - As faltas dos alunos, pessoal docente e não docente infectados serão justificadas de que forma? M. C. - Sobre esta questão o que nos é permitido saber, no momento desta entrevista, é que o Ministério de Trabalho e da Solidariedade Social e o Ministério da Saúde, em conjunto, estão a procurar encontrar mecanismos que permitam, particularmente na fase de maior pico da doença, agilizar estes procedimentos, permitindo às pessoas doentes formas mais simplificadas, de justificar a ausência ao serviço ou

às actividades académicas. Aguardamos, por isso, orientações superiores relativas às faltas que venham a ocorrer devidas a esta epidemia.



Na ESTeSL identificámos já um espaço próprio para isolamento temporário das pessoas que apresentem sintomatologia relacionada com a gripe

POL. – Quais são os grupos de risco da comunidade escolar?

M. C. – Os grupos de risco da comunidade escolar são os mesmos da

população em geral. Pessoas com Patologia Respiratória Grave; Cardiovascular; Renal, Hepática; Metabólica; Obesidade mórbida, Grávidas e crianças, com idade inferior a dois anos, são também consideradas grupo de risco.

POL. - Estão previstas algumas medidas em concreto destinadas aos estudantes e professores que frequentem programas de mobilidade? M. C. - No essencial as medidas a adoptar para os estudantes que frequentam programas de mobilidade são as aplicáveis aos outros estudantes. A Escola através do Gabinete de Relações Internacionais deve providenciar o mesmo serviço de assistência, sabendo que são estudantes deslocados e nesse sentido deve manter um acompanhamento constante da evolução da doença se possível em colaboração com a autoridade de saúde. Este acompanhamento poderá ter formas diversas conforme o estudante esteja alojado numa residência dos Serviços de Acção Social, ou em residência de natureza particular.

POL. – Numa situação de pandemia a ESTeSL poderá ser obrigada a fechar as portas?

M. C. – É um cenário que temos previsto. No entanto o encerramento da

A Grande Entrevista

Escola por este motivo é da competência da autoridade de saúde local após avaliação epidemiológica da situação. Tudo faremos para evitar esse cenário extremo, mas devemos estar preparados para tal eventualidade.

POL. – Os professores e os alunos estão preparados para um possível cenário de tele-escola?

M. C. – A formação a distância é hoje uma realidade nas instituições de ensino superior. A ESTeSL dispõe de uma plataforma que permite esta modalidade de ensino que estamos a utilizar na formação dos estudantes do 4°. Ano, residentes nos Açores. Para que possamos utilizar este meio de ensino de forma optimizada estamos a proporcionar formação aos professores e aos estudantes.

POL. – Quais são os serviços na escola que não poderão deixar de funcionar?

M. C. – Seja qual for o cenário que, no limite, tenhamos de enfrentar há serviços que não podem deixar de funcionar. Segurança, limpeza, manutenção, informática e recursos humanos a par da energia e comunicações são

serviços cujo funcionamento não pode ser interrompido, estando previstas redundâncias em cada um deles para garantir esse funcionamento.

POL. – O plano de contingência prevê o recrutamento de novos colaboradores?

M. C. – O nosso plano de contingência prevê que internamente haja a possibilidade de, com os elementos existentes, assegurar o funcionamento dos serviços.

POL. – Está prevista a atribuição de vacinas à ESTeSL?

M. C. – O plano de vacinação é estabelecido pelo Ministério da Saúde e contemplará prioritariamente o pessoal de saúde profissionais essenciais ao funcionamento do País e pessoas que integram os grupos de risco dado que não é possível, pelo menos nos tempos mais próximos, disponibilizar vacinas para massivamente chegar a toda a população que desejasse ser vacinada. Tratando-se de futuros profissionais de saúde que aqui preparamos é pertinente que sejam abrangidas por esse plano de vacina-

ção, particularmente os estudantes e docentes que desenvolvem o processo de ensino-aprendizagem em contexto clínico real. Estamos a avaliar o assunto com a autoridade de saúde.

POL. – A vacinação poderá ser a solução para o problema?

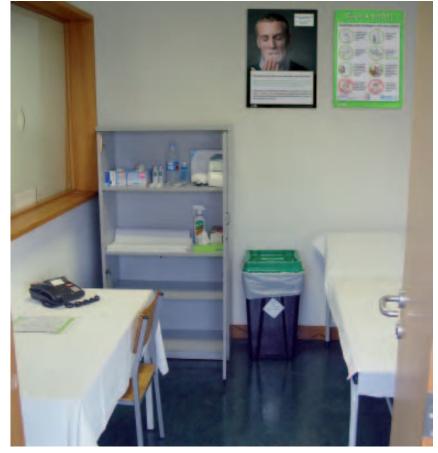
M. C. - A vacina protege a pessoa conferindo-lhe mecanismos de defesa que as outras pessoas não têm. Mas a eficácia da vacina depende da ocorrência ou não de mutações que o vírus possa sofrer num curto período de tempo. Na primeira fase da gripe as acções que fomos desenvolvendo iam no sentido de retardar o mais possível a instalação da doença, para que houvesse tempo para a produção da vacina que entretanto ficará disponível. Esta vacina poderá ter uma maior eficácia neste período da vida do vírus do que numa fase mais avançada se entretanto o vírus sofrer mutações. Nesse sentido, a vacinação poderá não ser a solução completa do problema mas é seguramente uma grande parte da solução.

POL. – Enquanto profissional de saúde qual é o seu maior receio em relação ao vírus da gripe A?

M. C. – O meu maior receio é o stress que pode ocorrer na comunidade em momentos, que vão surgir inevitavelmente, de infecção massiva. O vírus da gripe não é letal como já disse. O que pode levar à morte são as complicações provocadas pelo vírus. Se estivermos preparados para responder com eficácia à onda pandémica que se prevê nos próximos tempos devido à diminuição da temperatura, os resultados não serão tão nefastos quanto hoje podemos perspectivar. O que é fundamental para esse resultado e o contributo que cada um de nós pode dar, informando-se e observando escrupulosamente as regras de boas práticas estabelecidas pelas entidades com responsabilidade na área da saúde.

POL. – Tem tomado algumas precauções especiais relativamente à Gripe A?

M. C. – Procuro apenas por em prática dia por dia os procedimentos adequados a cada fase da evolução desta pandemia, quer sejam de natureza social quer se trate de atitudes e comportamentos, individualmente.



Sala de isolamento temporário na ESTeSL

Bruno Amiano: Engenheiro Mecânico

A paixão pelos carros

Os motores sempre o fascinaram e, por isso, desde cedo viu nos carros a sua aposta no futuro. O Instituto Superior de Engenharia de Lisboa foi a sua primeira opção e nele tem feito um longo percurso, do bacharelato ao mestrado. O ensino politécnico dá-lhe aquilo que mais gosta – o lado mais prático da engenharia mecânica.

Textos de Margarida Jorge

APESAR da idade, Bruno Amiano vai já na sua segunda experiência profissional mas considera que o mais importante é não se deixar levar por rotinas. Os automóveis são a sua paixão. o que o acabaria por o levar à escolha de Engenharia Mecânica como profissão.

Cedo Bruno Amiano percebeu as inúmeras vertentes da área e não voltaria atrás na sua escolha. Aos vinte e cinco anos, o jovem engenheiro de Sesimbra, apesar de reservado nas palavras, fala do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa com carinho e, diz ter correspondido em tudo às suas expectativas.

Na altura do ingresso no ensino superior, as suas melhores referências recaíram na escola de engenharia do Instituto Politécnico de Lisboa. Pelo conhecimento que teve, na altura, através de conversas com pessoas mais experientes, o que mais o atraiu foi a forma como os professores leccionavam as disciplinas e, principalmente pelo lado mais prático do curso.

Após alguns anos a frequentar o ISEL diz, sem rodeios, que apesar do ensino politécnico estar dotado de trabalhos mais práticos, mesmo assim esta vertente continua a não estar muito explorada.

O seu curso está marcado pelo projecto em que participou desde o inicio, o Nónio, o carro do futuro, ao qual dedicou muito do seu tempo enquanto estudante. Nesta fase diz ter sentido uma grande motivação e um acumular de mais experiência que lhe permitiu aplicar conhecimentos teóricos entretanto adquiridos.

A construção do veículo Nónio passou por uma primeira fase, que teve início com o projecto de bacharelato



dos alunos Pedro Navarro Nunes e Rui Marques. Já numa segunda fase, e sem esquecer o apoio do professor Afonso Leite, Bruno Amiano e Ana Oliveira, sua colega, juntaram-se à equipa e começaram a construção física do veículo.

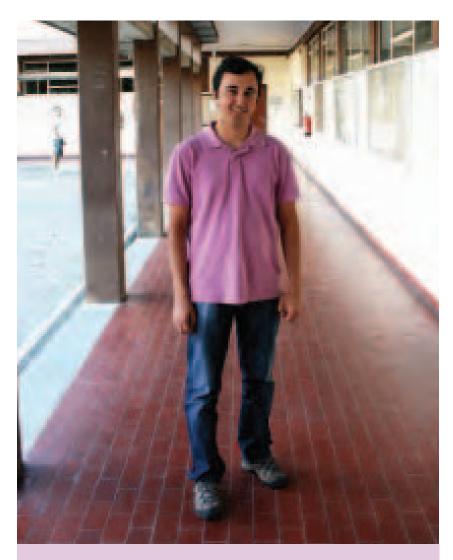
Foi também na altura, que Bruno decidiu apresentar o projecto à Câmara Municipal de Sesimbra, sempre com o apoio dos seus professores. A receptividade por parte da autarquia foi grande, até porque o jovem enqenheiro era residente no concelho e, essa condição acabaria por permitir a obtenção de uma bolsa de mérito da Fundação Rotary de Sesimbra. Para Bruno, "foi um apoio muito forte, a Bolsa do Rotary para o desenvolvimento do trabalho e o reconhecimento do esforço" e, na sua perspectiva, o apoio de mais entidades públicas pode constituir um factor preponderante para a evolução dos jovens no mercado de trabalho e na criação de empresas.

Através da dedicação ao projecto, Bruno passou a ver o curso de uma outra perspectiva e, na sua opinião, mais uma vez poderia ter havido maior apoio por parte dos professores em geral, na realização de projectos deste tipo, a par do que se faz noutras instituições de ensino.

O aproximar do final do curso fez com que aumentasse a sua preocupação com o mercado de trabalho. Deparou-se com a oportunidade para vir a desempenhar funções na zona industrial da Auto-Europa, decidiu concorrer e acabou por ficar.

Tratando-se da CEIIA - Centro para a Excelência e Inovação na Indústria Automóvel, foi fácil continuar o seu percurso ligado à sua paixão, os automóveis, dado tratar-se de uma entidade privada cujo principal objectivo é o de promover e executar acções de engenharia e desenvolvimento de produto na área automóvel. A CEIIA é no fundo, um centro de engenharia que apoia as empresas portuguesas no desenvolvimento da indústria nacional, não poderia, na sua opinião ter começado de melhor forma.

Considera que ter o projecto do Nónio no seu curriculum pode ter ajudado, até porque na entrevista chegaram a colocar algumas questões acerca do mesmo.



Um curso com alta empregabilidade

A ENGENHARIA Mecânica, em todas as suas vertentes, está muito relacionada com a indústria e o seu desenvolvimento, talvez por isso, a absorção dos jovens licenciados pelo mercado de trabalho não se revele tarefa difícil.

De acordo com as estatísticas apresentadas pelo ISEL, referentes a Dezembro de 2008, que corroboram a experiência de Bruno, quase todos os seus colegas estão a trabalhar. A taxa de empregabilidade no seu curso é de 98%, considerando que perante os 365 diplomados em 2006/2007 e 2007/2008, são apenas oito os registos no Centro de Emprego.

No entanto, o esforço e investimento de cinco anos, pelo que relata, nem sempre são recompensados financeiramente com a actividade profissional. Pelas conversas que vai tendo com os seus colegas, é nesta questão que reside a sua principal angústia. Em parte, diz ser também o seu "calcanhar de Aquiles", mas não lhe atribui grande importância, uma vez que o seu objectivo neste momento é a realização profissional, apesar de ponderar também a parte financeira.

Apesar dos seus vinte e cinco anos, Bruno deixa um conselho aos futuros engenheiros mecânicos – " que nunca desistam, pois os primeiros anos são complicados, mas é uma aventura na aprendizagem de coisas novas".

A sua principal motivação diz ser o gosto em aprender e saber sempre mais, o futuro logo se vê.

Profissão

O seu trabalho desenvolveu-se essencialmente na área de medições, inserida do departamento de qualidade. No seu dia-a-dia, Bruno apoiava-se numa equipa de investigação e resolução de problemas, que lhe permitiria em seguida proceder à análise de relatórios. O seu objectivo era o de dar resposta quanto à existência de problemas nos veículos na fase de saída da linha de montagem, após um processo de estudo.

Reconhece, sem rodeios, que de inicio foi complicada a sua adaptação, mas passado algum tempo tudo correu como esperava. Frisa que a sua passagem pelo ISEL lhe permitiu uma maior facilidade no desempenho de funções na Auto-Europa, principalmente pela experiência que obteve no manuseamento de software como o CAD e de um outro, que já conhecia no campo do desenvolvimento de trabalho.

A sua incursão no mercado de trabalho durou cerca de um ano e sete meses, durante os quais recorda o desenvolvimento de alguns projectos, que apesar não terem tido a sua intervenção, acompanhou pela curiosidade que lhe desperta este mundo. Um deles foi o veículo Vinci GT, desenvolvido em Portugal pela CEIIA e inspirado nos automóveis de corrida dos anos 60 e 70. Acompanhou de fora o desenvolvimento do veículo eléctrico para uma empresa norueguesa, o MetroBuddy. Não deixa de referir a estrutura por onde passou, que tem desde um departamento de design industrial, de engenharia a um departamento de materiais compósitos e, que se prepara para uma implementação na aeronáutica.

Na Auto-Europa marcou-o o apoio que lhe competia dar às pessoas e o crescimento profissional que o mesmo lhe permitiu enquanto lá permaneceu.

Quando pensa na actual situação dos jovens licenciados sem dúvida reconhece que, esta foi a melhor forma de ingressar no meio profissional e, com alguma pena teve que tomar a opção de mudar. A fase de crise pela qual o mundo atravessa levou a que o projecto da plataforma da Auto-Europa fosse reduzido e, com isto, a opção da CEIIA passaria pela sua transferência para a sede, na Maia, o que por motivos de ordem pessoal não

seria viável. A ambição, que assume ter, fez com que não ficasse parado e procurasse rapidamente uma alternativa. A sua decisão e consequente procura de um novo caminho profissional não viria a revelar-se tarefa muito complicada. Tal como já tinha acontecido aquando da candidatura à CEIIA deparou-se com uma nova oportunidade que não deixou escapar, na Industrial Metrology, no Seixal. A empresa presta serviços na formação na área da metrologia para além do desenvolvimento de dispositivos para metrologia dos vários veículos quanto ao seu processo de controlo de peças. Para além destes serviços fazem ainda o suporte aos equipamentos de medição em Portugal, tendo já uma filial no Brasil. Apesar de ser uma empresa inteiramente portuguesa, a sua área de acção já se estende a países como a Rússia, a Itália e a Polónia, mostrando uma forte capacidade de conquista do mercado.

Mais uma mudança no campo profissional que não alterou em nada o rumo de Bruno Amiano na relação com a área automóvel. A Industrial Metrology, operando no campo da medição de peças do automóvel, permitiu-lhe ainda a conservação da proximidade com a Auto-Europa.

Desde a mudança já decorreram três meses e o processo de adaptação na área de desenvolvimento de dispositivos continua a bom ritmo, no decurso de uma aprendizagem diária.

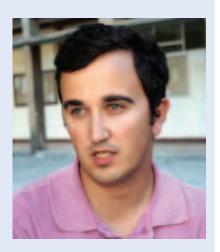
A sua vida profissional é também ela preenchida com a frequência de um curso de mestrado no Instituto Superior de Engenharia de Lisboa. Bruno projectou, desde o seu ingresso no ensino superior, um percurso académico de cinco anos. De inicio faria o bacharelato em Engenharia Mecânica, seguindo-se a licenciatura e finalmente, o mestrado. Até ao momento tudo aquilo que delineou tem vindo a concretizar-se o que faz com que se mostre muito satisfeito com os resultados e motivado para o que há-de vir.

A escolha do mestrado recaiu sobre a especialização de Manutenção e Produção, pois a alternativa seria Energia, Refrigeração e Climatização, que em nada iria de encontro às suas

A opinião de quem sabe

A EVOLUÇÃO do mercado automóvel em Portugal é um assunto que capta a atenção de Bruno Amiano, que para além da sua profissão como Engenheiro Mecânico vê no sector motivos de interesse e curiosidade. Por tudo o que tem acompanhado, Bruno considera que esta crise só veio mostrar que, para o escoamento do mercado estavam a ser colocados mais veículos do que o necessário.

Na sua perspectiva e, sendo um tema que lhe interessa em particular, pensa mesmo que muitos fabricantes vão trabalhar no sentido de começar a direccionar a sua produção para as tecnologias alternativas em detrimentos dos combustíveis fósseis. Vê mesmo no novo sistema de propulsão, ou no melhoramento do já existente, um dos grandes desenvolvimentos da indústria automóvel dos próximos anos.



No campo da construção automóvel, Bruno considera que Portugal tem muito bons profissionais quanto ao desenvolvimento de produto. Na parte da concepção já diz não ter tanta certeza, até porque não há nenhuma empresa que faça desenvolvimento de veículos de raiz no nosso país.

preferências. A sua opção está também relacionada com o facto de incidir directamente no exercício da sua actividade profissional. Quanto à maisvalia que possa vir a trazer-lhe no mercado de trabalho, neste momento acha que não é feita grande distinção entre um licenciado e um mestre, mas de futuro poderá ser muito importante, para além de ser seu objectivo pessoal determinado.

A frequência do mestrado passou também pela continuidade no ISEL, algo que considera natural. A criação dos mestrados na escola de engenharia, que bem conhece, foi para Bruno um processo de transição normal, com todas as vantagens e desvantagens, mas diz estar a corresponder às suas expectativas. Não deixa de valorizar o imenso esforço necessário para conciliar a profissão com a dedicação aos estudos, mas o sacrifício e a perseverança são factores muito importantes.

No âmbito do curso de mestrado recorda algumas das disciplinas que o marcaram pela positiva, como a Robótica, o Controlo da Condição e o Controlo Automático de Sistemas. O tema da sua dissertação é, como não poderia deixar de ser relacionado com os automóveis – "Soluções de transporte com propulsão eléctrica".

No seu percurso académico, Bruno guarda na memória vários professores que se salientaram entre muitos outros. Começa por referir Afonso Leite, que diz ter sido o professor que mais o ajudou e incentivou, mostrando-lhe mais a nível académico. O facto de ser também jovem, provavelmente terá sido, na sua opinião decisivo, pois revelava ter uma vontade de querer fazer e mostrar aos seus alunos um lado mais prático da engenharia mecânica.

Outro professor que recorda é Paulo Santamaria, principalmente pela forma utilizada para explicar a matéria e incentivar os alunos. Por último, aponta José Novais como o melhor professor que conheceu quanto ao método de ensino.

A sua ligação à construção do Nónio já terminou, com muita pena sua, mas a total entrega ao mestrado não tem permitido desviar atenções. Con-



Bruno Amiano fez parte do projecto de construção do Nónio, o carro ecológico do ISEL

tudo, vai mantendo algum contacto com os colegas e, pelo lhe é dado a conhecer, o projecto ainda não "morreu". Como até aqui, vão entrando novos elementos e saindo outros. O objectivo de levar ao veículo à competição ainda não foi concretizado, sempre pelos mesmos motivos, falta de apoios e de disponibilidade por parte dos elementos da equipa.

No seu caso, concreto confessa que foi benéfico começar a trabalhar porque permitiu-lhe aprender a diferenciar o essencial das aulas, e a gerir melhor o seu tempo conseguindo mesmo resultados melhores do que os alcançados na licenciatura. Sente-se mais amadurecido para enfrentar este tipo de desafios, o que lhe permite encarar as dificuldades de uma outra forma.

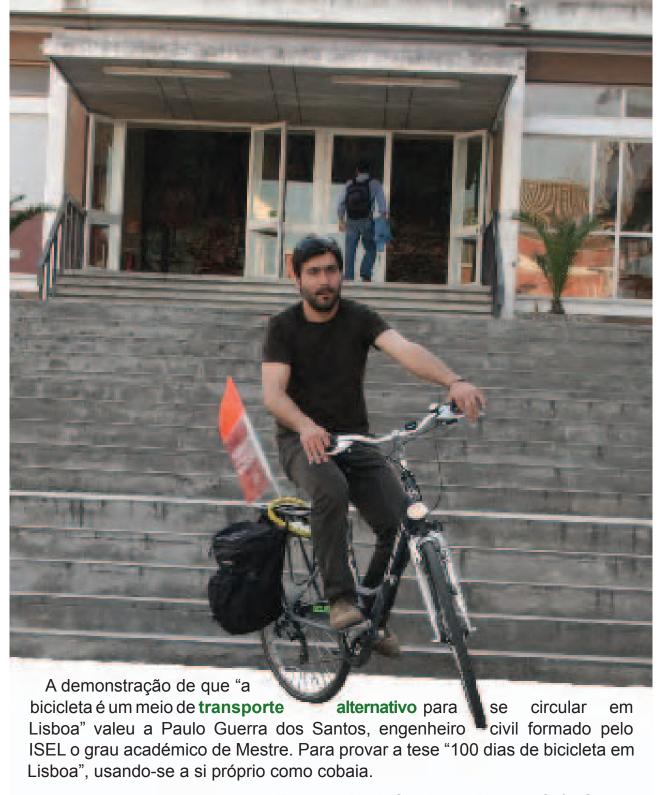
Quando pensa no que se seguirá ao curso de mestrado diz com manifesta sinceridade que o Doutoramento é um sonho, mas que reconhece ser uma etapa difícil de atingir. Bruno, revela ser ambicioso e com os olhos postos no futuro. O jovem pretende evoluir na carreira, mas no presente, quer aprender o mais possível na empresa onde está e, desenvolver com sucesso seu trabalho. Uma das apostas assenta na aquisição de mais conhecimentos através da tese de mestrado e, acima de tudo conseguir realização profissional, na qual coloca quase todas as suas forças.

Apesar de alguma timidez, o jovem engenheiro fala do futuro como associado a uma constante evolução pessoal e profissional. No percurso que quer para si pensa desenvolver tarefas diferentes já que considera a rotina algo muito desagradável.

A aposta no estrangeiro é para Bruno uma possibilidade, já lhe foi dirigida uma proposta aquando da sua passagem pela CEIIA, mas na altura não pôde aceitar. No entanto ver outras culturas, conhecer outras realidades faz parte dos seus projectos para o futuro.

Iniciativa do IPL coroada de êxito

O Mestre do Pedal



Textos de Paulo Silveiro • Fotos de Sofia Gomes

os 36 anos, Paulo Guerra dos Santos é um especialista tão coerente na demonstração que continuou, mesmo depois de terminado o estudo, a deslocar-se de bicicleta em Lisboa. O engenheiro é uma pessoa plenamente convicta dos seus ideais de locomoção. Afirma sem rodeios, em alto e bom som, os benefícios que usufrui nas deslocações que realiza em bicicleta. Entre eles destaca o exercício físico que aiuda a manter a saúde, a economia pela fonte de combustível utilizada ser a sua força muscular e a rapidez nas deslocações uma vez que para ele não existem filas de trânsito. Na sua rotina profissional Paulo Guerra trabalha em quatro gabinetes de engenharia e é docente em três escolas, todas estas deslocações são feitas em duas rodas.

O êxito da iniciativa "100 dias de bicicleta em Lisboa" que decorreu entre um de Janeiro e trinta e um de Dezembro de 2008, foi tão grande que Paulo Guerra pedalou por essa Lisboa fora não cem, mas duzentos dias, perfazendo mais de dois mil quilómetros. Segundo o estudo do engenheiro, a nossa capital apresenta condições fabulosas para a deslocação em velocípedes. Ao contrário do que as pessoas pensam, as famosas sete colinas de Lisboa ape-



A ideia da bicicleta partilhada

O USO de bicicletas partilhadas, como acontece em algumas cidades europeias, poderia ser uma ideia a implementar em Lisboa, na opinião de Paulo Guerra. Em Cascais já existe uma experiência deste tipo, "As Biclas", que podem ser levantadas gratuitamente na zona da Guia, para percorrer a ciclovia até ao Guincho. Este exemplo deveria ser estendido a outras zonas da cidade de Lisboa, considerando os milhares de turistas que visitam a nossa capital anualmente, e que poderiam deslocar-se aos lugares turísticos de bicicleta.

Para o engenheiro, outro grupo que poderia utilizar a bicicleta como um meio de transporte privilegiado, são os estudantes do ensino secundário. Muitos vivem ao pé da escola o que permite a sua deslocação em bicicleta para os estabelecimentos de ensino. Claro que para isso acontecer teriam que ser criadas condições para os ciclistas rodarem em segurança nas ruas da cidade. Também, à semelhança do que acontece em certas cidades europeias, transportes como os eléctricos e os autocarros deveriam adoptar soluções que possibilitassem aos ciclistas transportar os seus velocípedes.

A crise não chegou ao negócio das bicicletas, cada vez abrem mais lojas dedicadas ao comércio das "bikes". Segundo dados fornecidos a Paulo Guerra por alguns proprietários, o aumento das vendas têm sido na casa dos dois dígitos ao ano. O negó-

cio inclui não só as bicicletas mas igualmente as peças, o vestuário e a nutrição. Acompanhando esta expansão no mundo das duas rodas, assiste-se ao aumento do número de raids e maratonas para os ciclistas, principalmente para as bicicletas todo o terreno, o denominado BTT. Recentemente tem-se assistido à entrada de uma nova gama de velocípedes, as bicicletas desdobráveis. Apesar de apresentarem ainda um custo elevado, já se vêem algumas a circular nas principais artérias de Lisboa. Devido à sua polivalência e fácil arrumação, quando estão dobradas cabem num saco apropriado, são ideais para o uso urbano.

A cidade de Lisboa

Área: 84 km2 Altitudes: 4m na zona ribeirinha, 120m nas Amoreiras, 150m na Alta de Lisboa, 228m em Escala do mapa de curvas de nível: 1/10 000 A marginal de Lisboa tem 18 km, desde o Parque das Nações



PELA observação do mapa de altitudes (figura à esquerda), conclui-se que a mítica cidade de Lisboa não são 7 colinas, mas sim um planalto central (cores verde e verde escura).

Dos 84 km2 que o concelho de Lisboa tem de área, 44.72km2 (32.19+12.53) localizam-se entre as cotas 70m e 120m, o que corresponde a mais de metade da área da cidade. Se à área total da cidade de Lisboa, retirarmos as áreas de Monsanto (visto não ser área urbana, que tem aproximadamente 14km2) e da pista do aeroporto (com aproximadamente 3km2) apercebemo-nos que a percentagem de área ocupada pelo planalto central é ainda maior, correspondendo a mais de 60% da área da cidade.

É curioso notar que é possível deslocarmonos do Saldanha à Graça, passando pelo Areeiro, sem ter de subir ou descer muito, mantendo-nos sempre entre as cotas 70m e 100m, como mostra o "braço" de cor verde clara do mapa. E o Castelo é ali mesmo ao lado.

Elevations Table						
Number	Minimum Elevation	Maximum Elevation	Area	Color		
1	0.00	20.00	9478992.26			
2	20.00	70.00	21938336.34			
3	70.00	100.00	32198360.50			
4	100.00	120.00	12532024.62			
5	120.00	228.00	7933644.62			
Valores em metros e metros quadrados) 1 000 000m2 = 1km2						

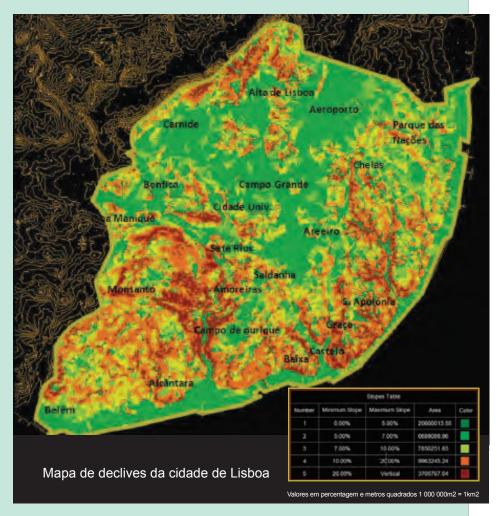
Mapa de declives da "âncora" da cidade

A "âncora" da cidade de Lisboa (figura à esquerda) corresponde à área onde se movimentam cerca de 2/3 das pessoas nas suas deslocações bi-direccionais (casa-trabalho-casa). É uma área que se estima em cerca de 50 km2.

Slopes Table						
Number	Minimum Slope	Maximum Slope	Area	Color		
	0.00th	5,00%	30881291.70			
	5.00%	7.00%	11628298.97			
	7.00%	10.00%	14189047.69			
- 4	10.00%	20.00%	19425683.03			
	20.00%	419177.51%	7977039.01			

sob rodas

Monsanto, com cerca de 14 km2 **Altitude média da cidade:** 76.5m até Belém **Maior distância em linha recta:** 15.35 km



OBSERVANDO o mapa de declives (em cima), consegue-se fazer uma comparação com o mapa de altitudes. A zona do planalto central tem as inclinações mais suaves da cidade, bem como, claro está, toda a zona ribeirinha.

Grandes inclinações só mesmo nos vales de Alcântara e Olaias, Monsanto, nas colinas da zona histórica e a zona a norte da cidade.

Notar que dos 84 km2 da cidade de Lisboa, 56.67km2 têm inclinações inferiores a 10%, o que corresponde a uma percentagem de 67.4% de toda a área da cidade. E mais de um terço da cidade (36.7%) tem mesmo inclinações inferiores a 5%.

Se, mais uma vez, sem Monsanto nem o Aeroporto, considerarmos apenas a área urbana da cidade (67 km2), estas percen-

tagens melhoram a favor dos utilizadores de bicicleta, com mais de 40% da cidade com inclinações planas, muito suaves ou suaves até 5%.

Notar ainda que, neste mapa, algumas das áreas com inclinações maiores que 10% não existem, pois na realidade estão ocupadas com edíficios. Imagine-se por exemplo, as ruas nascente e poente dos Armazéns do Chiado. Entre uma e outra, a inclinação é elevada, mas não é possível percorrê-la, pois existe uma construção entre ambas.

Para além disso, algumas desta zonas de elevada inclinação têm distâncias inferiores a 150m, pelo que é perfeitamente viável percorrê-las apeados da bicicleta. Á semelhança, de resto, com o que se pratica noutras cidade europeias, quando a rua é demasiado inclinada.

nas representam menos de quinze por cento da área da cidade e o nosso clima ameno também ajuda bastante.

A adaptação às estradas, aos pavimentos e ao trânsito foi fácil, e mesmo quando andava de metro levava a sua bicicleta. A rede de metro permite o transporte de velocípedes nos dias de semana durante a noite, e aos fins-de-semana durante todo o dia.

O seu estudo levou-o a concluir que Lisboa é uma cidade que reúne todas as condições para se andar de bicicleta, excepto uma, que é a ausência de corredores para os veículos movidos a pedal.

Apesar destas facilidades, as bicicletas não são a solução para a mobilidade urbana, elas são um meio para reduzir o trânsito automóvel no centro da cidade. Para o engenheiro, o problema do excesso de automóveis em Lisboa, só se verifica no centro. A solução que preconiza, é o estacionamento das viaturas em parques onde existam sistemas de bicicletas partilhadas, a partir daí as pessoas poderiam estacionar o seu carro, levantar uma bicicleta e pedalar até ao centro da cidade. A bicicleta é mais uma opção de transporte, como acontece nas cidades europeias que visitou, o número delas aumenta quando nos aproximamos dos centros urbanos.

A ideia de apresentar uma tese de mestrado centrada na mobilidade urbana em bicicleta surgiu das viagens que Paulo Guerra realizou, no âmbito de projectos académicos do ISEL, em países como Alemanha, Holanda e Finlândia. Quando

A bicicleta e a política

Também para os políticos parece que a bicicleta se tornou importante. Assim, em Fevereiro de 2009 a Assembleia da República aprovou uma resolução "O Plano nacional de promoção da bicicleta e outros modos de transporte suaves", na qual recomenda ao Governo a criação de um grupo de trabalho que inclua representantes de vários ministérios, as Associações Nacionais de Municípios Portugueses e de Freguesias. Um dos objectivos deste grupo de trabalho alargado será o de aumentar a percentagem de ciclistas em circulação em Portugal até 2012. Aproveitando a boleia, a Câmara Municipal de Lisboa também anunciou a expansão das ciclovias existentes e a intenção de avançar com as bicicletas partilhadas.

chegou a esses países a primeira surpresa com que se confrontou foi a de lhe terem colocado uma bicicleta nas mãos. Já Fernando Pessoa dizia "Primeiro estranha-se depois entranhase", confessou o engenheiro ciclista. Ao fim de um certo tempo ele era mais um entre os muitos que, nesses países evoluídos, usam a bicicleta como meio de transporte. Quando regressou a Lisboa trouxe o bichinho com ele, e quando surgiu a oportunidade de fazer o mestrado, lembrouse das suas experiências ciclistas no estrangeiro e decidiu abraçar o tema. E assim fez, durante o ano de 2008, estudou o potencial ciclável da cidade de Lisboa. Para isso era necessário realizar um trabalho de campo, e foi assim que nasceu o projecto dos "100 dias de bicicleta em Lisboa". No início, Paulo Guerra pensava que pedalar uma centena de dias era uma ideia ambiciosa, mas a habituação à bicicleta foi tão perfeita que acabou a pedalar durante duzentos dias. Mesmo hoje, a bicicleta continua a ser o seu meio de locomoção preferido.

Durante o ano em que percorreu Lisboa de bicicleta, talvez pelo efeito mediático que conseguiu, Paulo constatou que o número de ciclistas em Lisboa aumentou consideravelmente. O seu exemplo levou a que muitas pessoas passassem a considerar a bicicleta como um meio de transporte alternativo. Mas esse número de ciclistas poderia ser maior se certas proibições fossem levantadas. Para além da autorização para as bicicletas utilizarem os corredores "BUS", Paulo considera que, as vias cortadas ao trânsito, como a rua Augusta, deveriam ser abertas aos ciclistas. Outro lugar privilegiado para se andar de bicicleta, e onde também não é permitido, são os passeios marítimos de Oeiras e de Cascais. Se o civismo e a boa educação imperarem, os velocípedes e os peões podem partilhar as mesmas vias.

Projecto "Benfica Ciclável" vai servir escolas do IPL



AO NÍVEL das associações desportivas, a bicicleta começou igualmente a ser encarada como meio de locomoção. Nesse sentido a Federação Portuguesa de Cicloturismo e Utilizadores de Bicicleta (FPCUB), com a parceria da Câmara Municipal de Lisboa, da REFER, do Metro de Lisboa e de um conjunto de instituições de ensino secundário e superior, apresentou um projecto denominado "Benfica Ciclável".

Como nos referiu o presidente da FPCUB José Manuel Caetano, Lisboa adoptará um modelo já vigente em cidades europeias como Munique, Sevilha ou Paris. O projecto tem como objectivo criar uma infra-estrutura de uso partilhado de bicicletas, no meio urbano, sendo esta articulada com a rede de transportes públicos exis-

tentes. A ideia, orientada preferencialmente para os estudantes, é unir o parque escolar da zona de Benfica às estações de metro e da Refer de Benfica. As vias cicláveis serão os arruamentos já existentes, que serão devidamente sinalizados como uma zona de acalmia de tráfego, tendo como limite máximo de velocidade os 30km por hora. Junto dos Serviços Centrais do Instituto Politécnico já existem as marcas no pavimento a indicar as vias partilhadas por automóveis e bicicletas. A zona de Benfica foi escolhida para o arranque deste projecto, devido à grande concentracão de estabelecimentos de ensino, incluindo o campus de Benfica do IPL, que existe na zona e a orografia em planalto. O projecto tem pernas para

andar, porque a FPCUB não pretende concorrer com o sistema de uso partilhado de bicicletas, já anunciado pela Câmara de Lisboa, mas sim complementar a rede de ciclovias já existentes e as previstas pela CML. O financiamento é proveniente do fundo EEA Grants – Um Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu que tem como estados financiadores a Islândia, o Liechtenstein e a Noruega e que em Portugal é gerido pela Agência Portuguesa do Ambiente, que atribuiu uma verba de setenta e cinco mil euros.

Quando esta rede estiver implementada, um estudante que chegue à estação da Refer de Benfica ou ao metro do Colombo, do Alto dos Moinhos ou de Carnide, pode levantar a sua bicicleta nos parques que irão ser criados para o efeito e pedalar até à sua Escola. Os parques estarão situados nas estações e nos estabelecimentos de ensino, sendo a gestão do uso das bicicletas feito através de um cartão magnético.

A ideia teve uma grande aceitação pela REFER, Metro, e pelas instituições de ensino, havendo já muitas que, ao saberem do projecto, pediram para aderirem e possuírem uma "zona de trinta" a passar-lhe à porta.

No fundo todos estes projectos, estudos e intenções, mesmo que parte deles não venha a ser concretizado, só vem demonstrar que a bicicleta está na moda, seja pelos ciclistas, pelos comerciantes ou pelos políticos.



PAULO Guerra verificou, no seu estudo, que a velocidade média que atingiu nas suas deslocações em bicicleta na cidade de Lisboa é muito semelhante ao do automóvel. Sendo certo que a capacidade de ultrapassar o congestionamento do trânsito é um ponto indiscutível a favor dos velocípedes.

O engenheiro refere igualmente que o contacto com o meio envolvente é valorizado por este meio de transporte, uma vez que quando andamos de bicicleta sentimos o vento e os cheiros, que nos são negados quando estamos fechados dentro dos automóveis. Quem pedala sente e vive melhor a cidade. Outra vantagem, que Paulo Guerra constatou ao usar o veículo de duas rodas, foi a diminuição dos níveis de stress. Houve dias em que saía de uma daquelas reuniões de

engenharia, que deixam a cabeça em água, e os vinte minutos que levava a pedalar até à escola, onde é docente, serviam para relaxar e encarar o resto do dia de uma forma revigorante.

Outro aspecto de que ninguém fala é o factor social. A maioria das pessoas têm uma bicicleta na garagem e pouco uso fazem dela. Por outro lado existem muitas pessoas com dificuldades financeiras para adquirirem um automóvel ou até para comprarem o passe social. Segundo Paulo Guerra, a bicicleta poderia ser uma solução para essas pessoas, de baixos recursos, se deslocarem dos bairros onde vivem até às zonas centrais da cidade a custo zero.

Para o engenheiro a principal desvantagem na utilização da bicicleta é a inexistência de uma rede de ciclovias que permita, com segurança, aos ciclistas percorrerem as artérias da cidade de Lisboa. Os próprios automobilistas ainda não estão totalmente habituados a partilharem o seu espaço rodoviário com os velocípedes. Apesar disso, Paulo Guerra talvez porque o seu projecto foi muito divulgado nos órgãos de comunicação social, contou sempre com a compreensão dos condutores. Curiosamente os mal amados taxistas foram os que demonstraram maior paciência quando ele circulava nos corredores "BUS". Em geral, todos os automobilistas mostraram um respeito pela sua bicicleta, ao contrário do que acontece quando nos deslocamos de carro, onde existe uma grande competição e falta de civismo. Segundo Paulo Guerra, isso explicase psicologicamente, porque a bicicleta não é encarada como uma ameaça para os automobilistas.

Uma História de Proveito e Exemplo

A Arca de Noé

Baseado num artigo de Olívio Barradas, este texto, que poderia ter como subtítulo a lapidar expressão "Como destruir uma organização em quatro meses", é uma história de proveito e exemplo. Acerca da qual convém reflectir.

Textos de Pedro Mendonça



GUALTER era um apaixonado pela organização de forças de combate, no uso de armas avançadas e um conceituado especialista em fundações, obras de suporte e movimentação de terras. Era um verdadeiro líder.

Um dia, andava Gualter pela ravina quando, de repente – PUFF – sentiu um frio gelado, acompanhado de uma voz tonitruante:

Gualter

Só podia ser o Criador! Em pessoa!

- Gualter - Tornou a voz - «Não estou contente com os homens. Estão obcecados pelos formalismos e desprezam o conteúdo, guerreiam entre si e só defendem os interesses próprios, esquecendo o interesse geral. Passam a vida em reuniões e não resol-

vem problemas nenhuns. A cobra passou a dominar tudo...... farei chover durante 40 dias e 40 noites, até cobrir a terra de água. Será conhecido como o dilúvio. Mas quero que nasça uma nova humanidade de homem inteligente, prático, altruista e com objectivos. Vai e constrói um barco para ti e para a tua família e leva para

Para Reflectir

funções, os Efectivos totais por cate-

gorias e especialidades, com os res-

pectivos fundamentos, os Júris para

avaliação dos candidatos e respecti-

vas Grelhas de apreciação e o Regu-

lamento geral da Missão, já estavam

na mesa do Presidente. Uma Direc-

ção das Coisas (DC), uma da Inves-

tigação & Desenvolvimento (DI&D), e

uma do Barco (DB), todas presididas

dentro deste um casal de cada ser vivo. Terás 4 meses para esta missão. O meu contacto contigo é o Arcanjo Gabriel».

PUFF ...E o vento frio desapareceu. Gualter levantou-se lívido. O Criador elegera-o Pai da nova Humanidade! Mas não conhecia nada de barcos nem de navegação! Quatro meses...era muito pouco tempo! Era preciso resolver um problema técnico, construir um barco enorme - que objectivo! Gualter rebuscou na memória. Conhecia um construtor de barcos chamado Noé.

Noé poderia construir-lhe o barco, Gualter seria o Coordenador da MISSÃO e Noé seria o elemento técnico. E foi falar com Noé.

Meu caro – disse Gualter
Quero encomendar-lhe um
barco...e dos grandes,
Um barco para grandes cargas e águas
profundas. Quero
fazer uma grande viagem com
a família e levarei tudo.

- Está bem,
senhor. Temos aqui
mesmo, nesta floresta, madeira de diversos
tipos e densidades e em
quantidade suficiente. Acho
que consigo arranjar bons carpinteiros e lenhadores e assim conseguirei construir o barco.

Mais tarde Gualter chamou Carlota.

- Carlota, como já deves saber, vamos construir um grande barco...
- Sim, chefe, já ouvi dizer qualquer coisa.
 - Pensas que poderias...
- Deixe comigo, chefe. No recrutamento da última batalha pagámos oito dinheiros a valentes combatentes e estes são apenas carpinteiros. Temos cinco recrutadores e dez examinadores, para a fase de selecção!

A **missão** crescia: equipas de recrutamento estavam em plena operação.

– Senhor Presidente - diz a recepcionista - está aqui Noé com alguns desenhos e...– Não me interrompa! Diga ao Eng.º Noé que passe por aqui depois do almoço!

 Pois é, amiga Salomé, preciso de cercar-me de gente de confiança para o sucesso da minha MISSÃO.

– Certo, chefe! Pode confiar em mim. Mas o armazenamento da madeira precisa de um almoxarifado. Para o controlo necessitarei de alguns arquivos, prateleiras e pessoal de apoio. E teremos de reunir a Direcção para aprovar a criação do Serviço de Almoxarifado, porque ainda não tem

Almoxarifado, porque ainda não tem existência legal.

Por Técnicos Especialistas-Coordenadores, para garantir que o trabalho seria bem realizado. A DB já tinha montado um laboratório especializado para medir a densidade

- Justo, Salomé.

Justo, Salomé.
 Vou já tratar de convocar a reunião de direcção.

Neste momento entrou Cloé, a secretária do Presidente.

- Sr. Presidente, o Eng.º Noé voltou novamente. Parece aflito para a aprovação de alguns desenhos.
- Ora, este Noé! Sempre a querer confundir-me com cumprimento de prazos e de objectivos... Ele sabe que sozinho não me posso responsabilizar pela aprovação desses desenhos. Diga-lhe que nomearei um Grupo de Trabalho, o GTB, Grupo de Trabalho do Barco, para me dar o parecer. O rapaz é bom em projectos, mas não entende nada de regulamentos e procedimentos administrativos!

Passaram quinze dias e a proposta de Organograma, o Quadro de competências, a Distribuição de madeira e analisar fungos e caruncho. Contudo, ainda não tinha existência legal por virtude de se terem levantado dúvidas se deveria designar-se Laboratório ou Gabinete.

A Administração de pessoal, em apenas quinze dias, elaborou as provas de selecção para arquivistas de desenho naval, para copistas de desenho, carimbadores de projectos aprovados, técnicos especialistas de passagem de certidões e autenticação de fotocópias, para a selecção do pessoal de recrutamento do pessoal de apoio, etc..

Nessa noite Gualter estava cansado, mas não pôde evitar receber Noé na sua casa.

 Sr. Presidente, desculpe-me ter vindo interromper o seu descan-

Para Reflectir



Construção da Arca de Noé

so, mas o projecto já está pronto e as pessoas do GTB ainda não foram nomeadas. O material já está especificado, porém o laboratório ainda não emitiu o laudo de aprovação da madeira e não consegui os carpinteiros para o corte...Se o senhor me pudesse autorizar a trazer os carpinteiros conhecidos da povoação...

- Não se preocupe, Noé. Falarei amanhã com Carlota e apressarei a contratação do pessoal. Compreenda Noé que, apesar de ser Presidente, não posso mudar as normas da organização, autorizando directamente os seus carpinteiros. Terei de ouvir a Comissão Científica e esta terá que ser convocada com 48 horas de antecedência. Se o não fizer, corremos o risco de os concursos de admissão serem impugnados e voltamos ao princípio. Não se preocupe que a missão está nas mãos de profissionais - os melhores! Boa noite Noé... Noé afastouse sem entender muito bem. Tinha sido convidado para construir um barco. Agora está às voltas com normas, instruções, procedimentos, regulamentos, exames de selecção, grelhas de avaliação, júris, etc. ...

VIGÉSIMO QUINTO DIA

Manhã linda. Cloé anuncia a chegada de Carlota.

 Tu és um bicho na administração de pessoal, Carlota, e é para



Almoxarifado da missão

mim um descanso, pois sabes as regras todas de cor e já elaboraste mais de cem procedimentos internos de execução! Tudo está previsto e todos sabem o que têm que fazer, em todas as circunstâncias! Não corremos o risco de impugnações ou reclamações! Mereces uma promoção: temos quinhentas pessoas no efectivo e todas passaram por ti. Carlota, não quero incomodar-te e nem por sombras desfazer o belíssimo trabalho da tua equipa, mas Noé disse-me que ainda não foram contratados os carpinteiros para o corte...

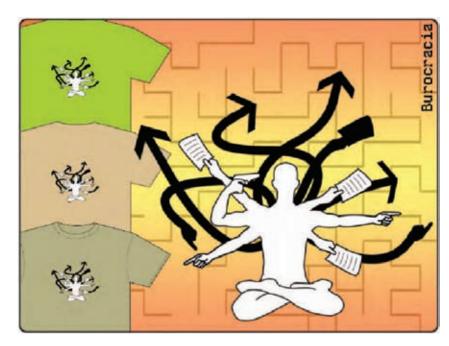
- Ora chefe, Noé é um sonhador e quer passar por cima das regras. Só pensa nos seus desenhos e no barco. Já lhe expliquei a complexidade da contratação; todos os carpinteiros foram reprovados no primeiro psicotécnico. Se não passam neste exame, imagina nos outros. E além disso, chefe, recordo-te que nem sei qual é a categoria de Noé! Mas sei, de certeza, que não é Especialista-Coordenador!
- Realmente tens razão, Carlota.
 Noé desconhece o que é uma boa organização. Orienta as coisas como achares melhor. Tenho total confiança no teu trabalho...

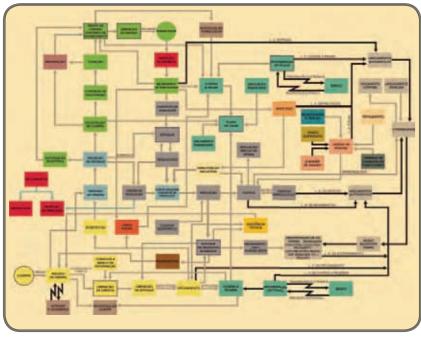
QUADRAGÉSIMO DIA

Finalmente uma reunião decisiva da Direcção.

Era o momento solene das grandes decisões de cúpula da **Missão**. A reunião já tinha sido convocada, por várias vezes, mas, por falta de quórum, as decisões não podiam ser tomadas porque havia sempre alguns Especialistas-Coordenadores que não podiam estar presentes nem mandavam representantes com plenos poderes.

A primeira hora da reunião passou-se com a leitura e aprovação das actas das duas anteriores reuniões e com declarações de voto exaradas em acta, mesmo de pessoas que não tinham estado presentes ou declarações de voto para fundamentar a abstenção. Depois, levantou-se problema logístico: a numeração das actas anteriores tinha incorrecções e daí resultavam graves perturbações nos efeitos das decisões tomadas.





Processo de construção do barco

Carlota propôs que o convés do barco deveria ser pintado de verde, o que provocou enorme polémica, porque outras opiniões, igualmente abalizadas e fundamentadas, defendiam a cor vermelha, castanha, azul, preta...Após troca de argumentos técnicos, foi decidido criar uma Comissão de Especialistas-Coordenadores para propor a cor escolhida; mas o indigitado Presidente dessa Comissão leu declaração em cinco páginas para fundamentar escusa; assim, a posse da Comissão foi adiada sine die.

Seguidamente Salomé propôs que fosse nomeado para dirigir a DB, como Director, um Especialista-Coordenador, em virtude de Noé não ter sido aprovado em júri de selecção e posteriormente confirmado em Comissão Científica e ainda não ter apresentado comprovativos da sua formação em engenharia; após troca de argumentos técnicos e jurídicos, Gualter propôs a nomeação de Carlota para essa função, por ter as habilitações adequadas e por ser a Especialista-Coordenadora mais antiga. Como o assunto não estava devidamente agendado,

Para Reflectir

a decisão foi adiada. A reunião de Direcção terminou passadas seis horas.

OCTOGÉSIMO DIA

Gualter passeava na ravina. Estava orgulhoso. Era Presidente de uma **Missão** que já contava com mil e duzentas pessoas.

As preocupações de Noé eram infundadas. Não passava de um tecnocrata pessimista. Felizmente já havia o Director-Coordenador do barco para despachar com Noé - menos um aborrecimento.

Subitamente - PUFF - uma nuvem de fumo frio...

O ARCANJO GABRIEL! Exclamou Gualter.

«Gualter põe gente de mais peso no topo, caso contrário a missão afundará» - PUFF.

Gualter correu à cabana de Noé.

- Noé, ponha um convés no alto do mastro. Vou colocar as pessoas mais pesadas em cima!
- Mas Presidente, isso é impossível!... O convés é sempre em baixo e o mastro aponta para cima. Se aumentarmos a massa do topo, o barco vai emborcar!
- Não discuta comigo Noé. É isso que vamos fazer...e cumpra as minhas ordens!

Noé não retorquiu. O Presidente estava nervoso. Noé balançou a cabeça e retirou-se. Realmente o que é que ele conseguira? Uma meia dúzia de desenhos em folha de bananeira. Isto em oitenta dias! Estava acabrunhado e sentia-se um incompetente: sabia construir barcos mas não se entendia com os procedimentos...

O Presidente entrou nervoso, desabafando com Cloé. – Veja só! Quero uma reunião de emergência com os Directores-Coordenadores mas o sistema informático tem falhas e há pessoas que dizem que não recebem as convocatórias. Se não fosse a Carlota com a equipa de recrutamento, não sei o que seria...

- Envie o seguinte e-mail:

De: Gualter Para: O SENHOR

Solicitoprorrogação prazorestante 40 dias. Dificuldades intransponíveis. Crise internacional demadeira. Dificuldades administrativas internas. Prostrações.

Gualter

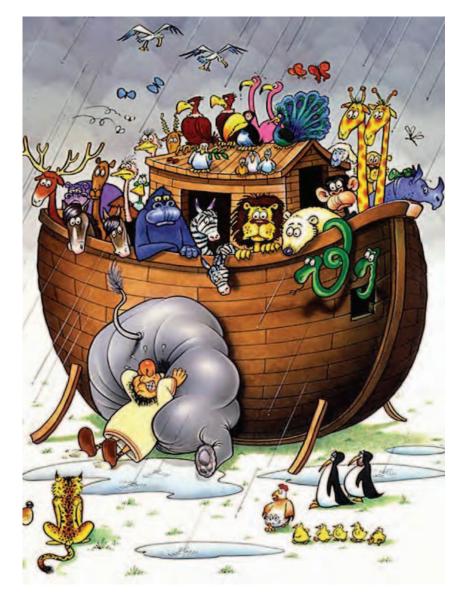
A resposta foi imediata:

De: O SENHOR Para: Gualter

Concedidoprazomaiscincodiasimprorrogáveis, el evação de águas em andamento.

CENTÉSIMO DIA

- Sr. Presidente disse a DI&D. A nossa **Missão** economicamente vai muito bem, mas financeiramente estamos em crise. Sugiro uma redução de pessoal...
- Sr. Presidente. tentou timidamente a DB - acho que a DI&D tem razão, mas não prometemos ao CRIADOR que o barco estaria pronto em breve?
 - Mas…sem material!…
- Como posso fabricar madeira? - gritou a DB - o seu laboratório não acha a madeira local apropriada! Os carpinteiros são incompetentes...e esse tal Noé! Que fez ele até agora? E não é Especialista-Coordenador! E nem sabemos mesmo se é Engenheiro! E ganha dez dinheiros... Os exames de admissão de Noé não constam nos nossos arquivos e nem sabemos se ele é engenheiro naval... Acresce que se realizou entretanto uma reunião de todos os Directores-Coordenadores e pretendem saber quais foram os critérios e respectiva ponderação, em que se fundamentou a decisão de o admitir.





-Sim, a culpa é minha, - falou o Presidente - mas quando convidei Noé, ainda não existiam as normas da **Missão**. Sou portanto, obrigado a despedi-lo. Queira providenciar através da Carlota.

Noé ficou realmente furioso com a notificação do seu despedimento: estava disposto a sair daquela terra e o caminho mais fácil era pelo rio; partiu para a floresta e reuniu a família.

- Vamos cortar estas árvores, mesmo com bicho, construir um barco e sair daqui?
- Mas, Noé, nem somos carpinteiros, nem sabemos fazer barcos...
- Não importa, eu ensino-vos a cortar a madeira e já tenho os desenhos. Faremos uma equipa com o objectivo de construir um barco para termos uma vida melhor noutros lugares! Levaremos uns animais a

bordo para termos que comer na viagem! Só falta meter mãos à obra!

A madeira começou a ser cortada. As partes mais bichadas foram isoladas e deitadas fora. Em poucos dias o casco do barco já tomava forma.

CENTÉSIMO VIGÉSIMO QUINTO DIA

O Presidente acordou preocupado. A madeira tinha chegado mas só tinha três carpinteiros no sector de carpintaria. A sua charrete seguiu o caminho mais rápido para o escritório, para evitar o mau tempo: nuvens pesadas cobriam os céus. No caminho encontrou a Heloisa que lhe disse, preocupada, haver um zum-zum acerca de um tal Jair que poderia ser um terrorista infiltrado, mas que a sua equipa...

Gualter ficou branco e correu em direcção ao computador para enviar um e-mail:

De: Gualter

Para: O SENHOR

Dificuldadescomprojectistaatrasamepreendimento, solicito prorrogação prazo. Prostrações

A resposta foi imediata:

De: O SENHOR Para: Gualter

Prorrogação negada.

- Cloé, rápido:

E começou a chover... Gualter saiu a correr, seguido de Carlota e de Salomé.

A chuva era forte mas Salomé gritou:

 Chefe, há um barco a descer o rio. Veja na proa...está escrito...

ARCA DE NOÉ

Das origens aos dias de hoje

A dimensão internacional da Escola Superior de Música

Criada em 1983 a partir da reconversão da Secção de Música do Conservatório Nacional, a Escola Superior de Música de Lisboa (ESML) iniciou a sua actividade em 1986 e desde então vem desenvolvendo os seus cursos, programas e projectos num contexto internacional, a nível interno e a nível externo.

Texto de Cecília de Almeida Gonçalves

A INTERNACIONALIZAÇÃO da Escola Superior de Música de Lisboa começa a nível interno, com um corpo docente onde estiveram ou estão representadas dez nacionalidades estrangeiras: britânica, ucraniana, francesa, argentina, russa, italiana, canadiana, americana, venezuelana, e arménia. A mobilidade internacional é, entre músicos, uma "tradição", com as orquestras e coros, as salas de espectáculos e as instituições de ensino de determinado país "povoadas" por estrangeiros das mais diversas origens.

Para além desta mais-valia de que a escola do Instituto Politécnico de Lisboa tem podido usufruir, ao incorporar nos processos de ensino/aprendizagem visões e experiências do mundo artístico tão diversificadas, a escola adoptou desde muito cedo um posicionamento de abertura internacional, através de três medidas principais: integração no Programa Erasmus, desde a criação deste, em 1987; filiação em associações europeias, como a AEC (Associação Europeia dos Conservatórios) e a ELIA (European League of Institutes of the Arts); parcerias com instituições estrangeiras (IRCAM, Universidade do Rio de Janeiro).

Os projectos mais significativos têm-se desenvolvido no âmbito do Programa Erasmus e da AEC, em grande parte porque são aqueles que recebem apoios financeiros específicos. As dificuldades orçamentais da escola não só não permitem o desenvolvimento de projectos sem apoios externos como levaram até ao cancelamento da filiação



na ELIA, pela impossibilidade de suportar os custos da respectiva quota.

No âmbito do Programa Erasmus, a ESML desenvolveu, ao longo dos anos, actividades em 4 áreas do mesmo, a saber: mobilidade de estudantes, mobilidade de docentes, desenvolvimento curricular e programas intensivos.

Integrada inicialmente numa rede de 9 escolas, a ESML tem hoje par-

cerias com mais de 30 instituições, com as quais realiza anualmente mobilidades, nos termos do documento sobre "Política de mobilidade de discentes e docentes" aprovado pelo Conselho Científico.

Na área do Desenvolvimento Curricular a ESML participou nos projectos "Communicating Music", "Chamber Music post-graduate course" e

Mala Diplomática

"Violin Teachers Training", tendo ainda integrado a "Erasmus Chamber Orchestra" e o "Erasmus Brass Ensemble" em todos os projectos realizados por estas duas orquestras, ao abrigo da modalidade "Projectos Intensivos".

Nos últimos anos, a ESML tem tido também uma participação muito activa em projectos da AEC. Entre 1999 e 2001 integrou o projecto "Music education in a multi-cultural European society", entre 2204 e 2007 o projecto "Polifonia", no grupo de trabalho que se debruçou sobre o impacte do Processo de Bolonha no ensino superior de música e entre 2005 e 2007 no projecto "Accreditation in European Professional Music Training", sobre avaliação de instituições de ensino superior de música.

A ESML afirma como sua missão a de "promover um ambiente de ensino/aprendizagem de qualidade que, numa perspectiva de formação ao longo da vida, incentive os estudantes ao seu máximo desenvolvimento pessoal, artístico, científico, técnico e cultural, com vista a desempenhos profissionais empreendedores, nacional e internacionalmente competitivos e socialmente relevantes, nas áreas das Artes e Indústrias Musicais".

A perspectiva internacional faz, como se vê, parte integrante da definição da missão da escola e um dos objectivos estratégicos desta é o de fomentar a abertura ao exterior, a nível nacional e internacional, bem como o trabalho em rede.

Pelo que ficou exposto acima, verifica-se que a internacionalização da ESML tem passado, sobretudo, pela sua "europeização", o que foi determi-



nado pelo aproveitamento das oportunidades que, nesse domínio, têm surgido. Julgo que é chegada a altura de a ESML passar a uma nova fase, que seria a do estabelecimento de parcerias com países de língua oficial portuguesa e com a América Latina, não só numa base bilateral, mas como parceira em projectos integrando instituições destes países e instituições europeias, constituindo-se a ESML como instituição-charneira nessas parcerias.

Este "desideratum", bem como o aprofundar e explorar de todas as potencialidades nos programas e projectos já em marcha, estão contudo altamente condicionados pela insuficiência de meios, designadamente humanos, de que a ESML pode dispor para este efeito. A crescente retórica da internacionalização do ensino superior e das

suas instituições não tem sido acompanhada de uma consciencialização dos centros de decisão destas instituições sobre a relevância da questão, pelo que aos princípios consagrados nos documentos oficiais não têm correspondido medidas práticas suficientes por parte de instituições confrontadas com sucessivas restrições orçamentais e que atribuem prioridade a outras áreas.

No caso concreto do Instituto Politécnico de Lisboa haveria que, a nível de serviços centrais, e em reflexão conjunta destes com todas as suas unidades orgânicas, desenvolver valências de interesse/utilização comum, operacionalizando os recursos humanos e técnicos necessários, sem prejuízo de reforçar os meios próprios da ESML e de outras unidades orgânicas que se debatam com idênticas carências.

O Ensino Superior na Agenda Europeia

A INTERNACIONALIZAÇÃO do ensino superior e das suas instituições tem estado na agenda das políticas educativas europeias nos últimos anos, designadamente na sequência da Declaração de Bolonha, assinada em Junho de 1999 por 29 países europeus.

Estabelecidas, desde logo, estratégias de cooperação internacional, de esquemas de mobilidade e de programas integrados de estudos, investigação e formação, como forma de promover as "dimensões europeias" do ensino superior, em todas as reuniões que se seguiram à de Bolonha os ministros responsáveis pelo sector reafirmaram a centralidade da internacionalização, designadamente no que respeita: à promoção da competitividade e à atracção de estudantes extra-europeus (Comunicado de Praga, 2001); ao desenvolvimento de programas para estudantes de países terceiros e à cooperação com

regiões "de outras partes do mundo" (Comunicado de Berlim, 2003); ao estabelecimento de parcerias com regiões extra-europeias, intensificando a dimensão externa do processo de Bolonha (Comunicado de Bergen, 2005); à inserção da Área Europeia de Ensino Superior num contexto global (Comunicado de Londres, 2007); e à abertura internacional das instituições de ensino superior (Comunicado de Leuven, 2009).

Constituída a Comissão Científica da revista Alicerces

Constituída a Comissão Científica Permanente, de que fazem parte dez professores universitários e investigadores de grande prestígio, representando todas as unidades orgânicas do IPL, a Universidade de Lisboa e a Glasgow Caledonian University, está já no prelo, pronta a ser editada, o n.º 2 da nova série da revista de divulgação científica Alicerces, do Instituto Politécnico de Lisboa.

Texto de José Alexandre

A COMISSÃO Científica Permanente da revista Alicerces é constituída pela Professora Doutora Inês Sim-Sim (Escola Superior de Educação de Lisboa), Professor Doutor Domingos da Silva Ferreira (Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa), Professor Doutor Virgílio Mota (Instituto Superior de Engenharia de Lisboa), Professor Doutor David Antunes (Escola Superior de Teatro e Cinema), Professora Doutora Maria José Fazenda (Escola Superior de Dança), Professora Doutora Helena Soares (Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa), Professor Doutor Carlos Caires (Escola Superior de Música de Lisboa), Professora Doutora Isabel Simões (Escola Superior de Comunicação Social). Professor Doutor José Pedro Sousa (Pró-reitor da Universidade de Lisboa) e Professor Doutor Hugh O'Donnell (Glasgow Caledonian University).



Vicente Ferreira e Manuel Mendes da Cruz, director e director adjunto da Alicerces

O primeiro volume da nova série da revista Alicerces versou sobre diferentes teses apresentadas no Euprera Congress 2005, realizado em Lisboa, e naturalmente editado em língua inglesa única que foi utilizada pelos diferentes autores nas respectivas comunicações (proceedings). A Alicerces é dirigida pelo Presidente do

Instituto Politécnico de Lisboa, Professor Doutor Vicente Ferreira; tendo como Director-Adjunto, o vice-presidente do IPL, Professor Doutor Manuel Mendes da Cruz. Nomeada a Comissão Científica, foi possível levar a cabo a publicação do segundo volume da revista, ora em distribuição, e que contém um conjunto de artigos científicos, ver-

Revista Macau



A REVISTA Macau já totalizou com a última edição, os quinze números. Sendo

uma revista com versão em língua portuguesa, a publicação é do Gabinete de Comunicação Social do Governo da região Administrativa Especial de Macau. Importante para a ligação entre a Região Administrativa Especial de Macau e o resto do Mundo, a publicação dá ênfase aos acontecimentos locais e regionais. É seu objectivo a divulgação e promoção de Macau, suas particularidades e, o seu estatuto enquanto região administrativa especial, considerando sempre as áreas sócio-económica, política e cultural.

A revista Macau conta com a colaboração de diversos jornalistas de língua portuguesa e fotojornalistas de Macau e de outros países de língua portuguesa.

Na sua última edição a revista traça o perfil de Li Changsen, um dos primeiros falantes de português na China. Foi intérprete dos conselheiros que deram treino militar aos guerrilheiros que lutaram contra as tropas lusas. O homem que

hoje considera Portugal a sua segunda pátria, esteve na Guiné-Bissau a promover a educação patriótica de servir a China natal, onde foi um dos primeiros a falar português.

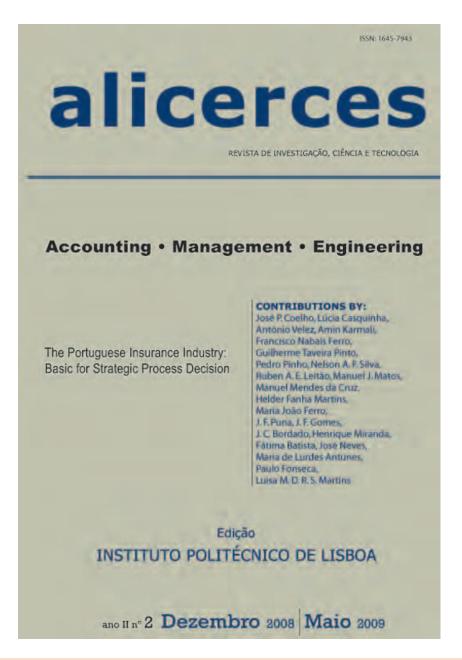
Na rubrica "Significados", são colocados em
destaque os nomes chineses e aquilo que escondem. A verdade é que
existem cerca de oito mil
apelidos chineses, que
escondem um universo
de considerações de carácter filosófico e social
que vale a pena conhecer.

sando temáticas heterogéneas da autoria de vários professores e docentes do Instituto Politécnico de Lisboa. Assim, as temáticas versadas abrangem âmbitos tão diferentes como os da gestão (3 artigos) e da engenharia (6 artigos), os quais foram objecto de apreciação pela referida Comissão Científica.

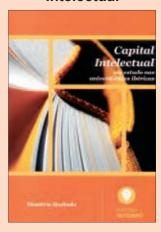
É objectivo estratégico do IPL garantir a publicação anual de pelo menos dois números da revista Alicerces.

Do êxito na concretização deste objectivo muito dependerá, outrossim, a recepção de artigos científicos abrangendo as diferentes áreas de competência ministradas no Instituto Politécnico de Lisboa - heterogeneidade que só nos enriquece - nomeadamente em cada uma e todas as Unidades Orgânicas. Num universo de cerca de 1.300 docentes e 13.000 alunos (muitos dos quais a frequentar cursos de mestrado) será naturalmente expectável que venham a ser apresentados trabalhos cientificamente relevantes e susceptíveis de publicação em novas edições da revista.

Tanto mais que esta será a última edição da revista publicada exclusivamente em língua inglesa. Os próximos números poderão conter artigos científicos escritos em língua portuguesa ou espanhola, para além da inglesa (do Estatuto Editorial). Tudo dependerá dos artigos que nos cheguem e sobre os quais seja obtido parecer favorável pela Comissão Científica da revista Alicerces.



Capital Intelectual



ESTE livro resulta de um trabalho de dissertação de

doutoramento em Contabilidade e Organização de Empresas, pela Universidade Autónoma de Madrid. Sobre o autor, Eleutério Machado, pode dizer-se que leccionou cerca de vinte anos no Instituto Superior de Contabilidade e Administração da Universidade de Aveiro, estando actualmente aposentado da carreira docente. Em simultâneo exerceu actividade empresarial ao nível da gestão de empresas e, integrou os órgãos sociais de organizações empresariais e não empresariais.

O estudo feito pelo autor integrou uma componente teórica de literatura de trabalho empírico que integra pesquisas em websites, inquéritos e entrevistas, interligados por um tema central. Assim, discutir a utilidade de novas práticas e instrumentos de comunicação institucional mais alargada como forma de melhorar a transparência e comparabilidade das universidades, deu o mote ao estudo posto em livro.

O autor definiu a estrutura do estudo teórico e da investigação empírica a realizar, limitando-a ao âmbito das Universidades e outras instituições de ensino superior de Espanha e Portugal.

Do trabalho nasce uma proposta de um modelo de relato de Capital Intelectual para universidades, com adequado enquadramento estratégico e operacional. O estudo procura ainda justificar a opção pelo relato de Capital Intelectual como importante instrumento de alargamento e de aprofundamento da comunicação das universidades e outras instituições de ensino superior.

Para não dizer que não sabia

NUMA sociedade de Comunicação globalizada, é um privilégio poder contribuir para a percepção e intervenção dos jovens num mundo que se tornou mais pequeno, rápido e próximo. Os caminhos que a revolução tecnológica e informativa abre são inesgotáveis, mas não deixam de suscitar inquietações e interrogações, pelos riscos de censura e instrumentalização por parte de detentores do poder político ou económico - a censura na net, assegurada pelas mais importantes empresas de software, é já uma realidade, em países como a China ou de integrismo religioso, mas é de temer que pretextos como o combate à pedofilia ou ao terrorismo possam vir a legitimar novas formas de intromissão, censura e manipulação. Não conhecemos suficientemente os riscos potenciais de desinformação, incomunicação e autismo social induzido na Sociedade da Informação. Mas os nossos alunos aprendem a enfrentar estes desafios, a viver e trabalhar no olho do furação, para os quais, para além dos indispensáveis conhecimentos e de uma muito exigente qualificação técnica, é importante dispor também de uma perspectiva multidisciplinar abrangente, interventiva, socialmente responsável e cidadã.

A comunicação social diz respeito a toda a sociedade, não é um terreno exclusivo dos seus profissionais, e seria, até, um perigo que modernos manipuladores comunicacionais pudessem "vender" publicamente Presidentes como quem vende sabonetes - como já alguém anunciou. O mesmo se passa noutros territórios: a condução de um país é demasiado importante para ser entregue, exclusivamente, à classe política; a paz, nunca poderá ser responsabilidade única dos militares; a saúde da nossa Economia nunca poderá ser responsabilidade dos economistas, por mais profissionais e competentes.

Vem isto a propósito da história da redacção de um dos textos de referência mais importantes do mundo político contemporâneo, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, cuja comissão de redacção, apesar de composta por representantes dos Estados, incluía mais



Lucília José Justino *

A Comunicação Social diz respeito a toda a sociedade, não é um terreno exclusivo dos seus profissionais.

filósofos e jornalistas do que diplomatas ou juristas, como pareceria mais óbvio. Jornalistas, dois, o filipino Carlos Rómulo e a norte-americana Eleanor Roosevelt, que presidira à Comissão.

Rómulo era um jornalista prestigiado, vencedor de um Pulitzer (1941), por reportagens contra o colonialismo e a discriminação racial, tendo, sob o comando do General Mac Arthur, combatido no Pacífico e obtido insígnias de General. Eleanor Roosevelt, ex-Primeira Dama e viúva do Presidente americano, nunca abandonara o jornalismo e a sua independência de espírito não a inibira, mesmo, de publicar artigos de distanciação e crítica ao próprio marido, apesar das suas afinidades políticas.

Num país com uma cultura muito individualista, era respeitada pelo empenhamento e intervenção pela igualdade de oportunidades, pelos problemas da pobreza de populações rurais, do desemprego, por uma habitação decente, pelos cuidados de saúde, por questões da infância e da educação, sensibilidade para as questões humanitárias e para a igualdade da mulher (tinha fama de feminista, coisa pouco respeitável, na época). Anos depois da aprovação da Declaração Universal, no período da caça

às bruxas macartista, os Estados Unidos abandonaram a Comissão dos Direitos Humanos da ONU, não admitiam que os direitos pudessem ser internacionalmente vinculativos e não escondiam reservas ao próprio documento, que consideravam excessivamente "socialista". Eleanor Roosevelt, então quase septuagenária, ofereceu-se como voluntária de uma associação (American Association for United Nations) e prosseguiu ali o seu trabalho pelos direitos humanos.Um ano antes, o Observer, de Londres, publicara um artigo, Forgotten Prisoners, assinado pelo advogado inglês Peter Benenson, sobre os Prisioneiros Esquecidos, milhares de vítimas inocentes que, um pouco por todo o mundo, nunca chegam a merecer a atenção dos Media. O artigo foi reproduzido pelos principais jornais internacionais e suscitou um tal impacto público que, meses depois, um grupo de "conspiradores da esperança" se reuniram num café do Luxemburgo para levarem à prática o "Apelo por uma Amnistia" que Benenson enunciara – mas, em vez da acção de sensibilização proposta, foi criada uma organização, a Amnistia Internacional, hoje a maior organização de direitos humanos do mundo, com mais de dois milhões de membros.

Anos depois, Sean McBride, relator da ONU para a ordem mundial da informação e Prémio Nobel da Paz (1974), afirmou que a Amnistia era indispensável, como uma organização de sentinelas solidárias, atenta e disposta a opor-se às violações e abusos graves de direitos humanos, por todo o mundo. Que pudesse falar tão alto e chegar a tanta gente, agitando consciências, para que ninguém mais pudesse dizer que nada fez porque "não sabia". Como foi dito sobre o Holocausto. Mas o massacre de Santa Cruz, o genocídio do Ruanda, as vítimas do Darfur ou de Myanmar, ou os abusos de Guantánamo já não são, felizmente, escamoteáveis. As tecnologias de informação e comunicação poderão ser um instrumento poderoso nesse sentido, se a todos assumirem o seu papel.

^{*}Professora Adjunta Equiparada da ESCS e presidente da Direcção da Amnistia Internacional Portugal